

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA
CAMPUS DE LARANJEIRAS

ANA FLÁVIA SOUZA SANTOS

POTENCIALIDADES DA ARQUEOLOGIA INDUSTRIAL EM SERGIPE: ESTUDO DE
CASO DA FÁBRICA DE TECIDO SERGIPE INDUSTRIAL

Laranjeiras
2014

ANA FLÁVIA SOUZA SANTOS

POTENCIALIDADES DA ARQUEOLOGIA INDUSTRIAL EM SERGIPE: ESTUDO DE
CASO DA FÁBRICA DE TECIDO SERGIPE INDUSTRIAL

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Arqueologia do Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Arqueologia.

Sob a orientação do Profº Dr. Paulo Fernando Bava de Camargo e co-orientação do Profº Dr. Gilson Rambelli.

Laranjeiras
2014

ANA FLÁVIA SOUZA SANTOS

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Arqueologia do Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Arqueologia.

Aprovado em: 06/ 02/2014

Banca Examinadora

Paulo Fernando Bava de Camargo

Orientador
Universidade Federal de Sergipe

Márcia Barbosa da Costa Guimarães

1º Examinador
Universidade Federal de Sergipe

Leandro Domingues Duran

2º Examinador
Universidade Federal de Sergipe

Aos meus pais, pelo apoio.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. Paulo Bava de Camargo, pelas orientações, sugestões, indicações bibliográficas e leituras atentas deste texto monográfico. Muito obrigada pelos vossos ensinamentos.

Ao professor Dr. Gilson Rambelli, pelas orientações e ensinamentos.

Ao Felipe Calasans, companheiro de todas as horas, que esteve sempre ao meu lado durante o processo de confecção deste trabalho, obrigada pelo seu apoio, incentivo e ajuda com as pesquisas de campo. E principalmente, não poderia deixar de agradecer o seu carinho, amor, amizade e companheirismo.

À minha Família, especialmente aos meus pais pelo carinho, companheirismo, apoio e ajuda financeira. Agradeço também aos meus queridos irmãos, Florêncio, João Zito, Marcus e Murillo, por todo carinho e amizade.

Aos meus Avós, Florêncio, Juviana e Marieta pelo incentivo.

Aos meus tios e tias, dedico agradecimento especial a tia Cida, Nalva e Solange, pela amizade e apoio.

Ao professor Moysés Siqueira Neto, por todos os ensinamentos.

À Regina Calazans, por ter cedido gentilmente a planta da Fábrica.

Aos amigos de curso, especialmente a Luciana, Jennifer Daiane, Mariane e Francisco pelas alegrias compartilhadas.

As colegas da residência universitária, Franciane e Edenilza.

Aos funcionários dos Arquivos visitados, especialmente a sr^a Luzia funcionária da Biblioteca Pública Epifânio Dória.

A todos os moradores do Bairro Industrial, que me cederam entrevista.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso - Bacharelado em Arqueologia - é o resultado de uma pesquisa sobre a Arqueologia Industrial. Trata-se de um estudo de caso sobre a Fábrica de Tecidos Sergipe Industrial, localizada no Bairro Industrial, Aracaju, Sergipe. Teve como objetivo identificar, registrar e interpretar a materialidade circunscrita no entorno da Fábrica e discutir as potencialidades da Arqueologia Industrial em Sergipe. Em termos metodológicos nos valem as práticas metodológicas da Arqueologia Extensiva associadas à da Arqueologia Industrial. A análise das evidências materiais identificadas em suas cercanias possibilitou, sobretudo, a realização de inferências sobre as mudanças nas estruturas arquitetônicas, substituição do transporte de cargas e as condições de moradia dos operários. A perspectiva de desenvolvimento da Arqueologia Industrial em Sergipe nos instiga a buscar compreender a materialidade existente nos sítios arqueológicos industriais.

Palavras-Chave: Arqueologia Industrial, Fábrica de Tecidos Sergipe Industrial, Potencialidades, Arqueologia Histórica.

RÉSUMÉ

Cette monographie – Licence en Archéologie – est le résultat d'une recherche sur l'archéologie industrielle. Il s'agit d'une étude de cas de la Fabrique Textile Sergipe Industrielle, situé dans le quartier industrielle, Aracaju, Sergipe, Brasil. L'identification et l'analyse des éléments de preuve rendue possible faire des inférences sur les changements dans les structures architecturales, sur le transport des charges et des conditions de logement des travailleurs.

Mots-clés: Archéologie Industriel, Fabrique de Tissus Sergipe Industriel, Potencialité, archéologie historique.

LISTA DE IMAGENS

Prancha 1: Localização da Fábrica Sergipe Industrial	27
Prancha 2: Área da Prospeção Sistemática	32
Prancha 3:	34
Imagem 1: Mapa de Aracaju em 1855.....	34
Imagem 2: Anúncio de Jornal\ Chica Chaves	34
Prancha 4:	36
Imagem 1: Mapa Sergipe Del Rey de 1844- Povoado Santo Antônio\ Aracaju	36
Imagem 2: Anúncio de Jornal- Engenho Velho	36
Prancha 5: Planta da Fábrica e Localização das Evidências Materiais	41
Prancha 6:	42
Imagem 1: Fábrica Sergipe Industrial no Início do Século XX	42
Imagem 2: Fábrica Sergipe Industrial em 1920	42
Imagem 3: Máquinas da Sergipe Industrial na década de 1970	42
Imagem 4: Mapa do Itinerário dos Bondes em Aracaju	42
Prancha 7:	43
Imagem 1: Elemento Déco na Fachada dos depósitos de algodão da Sergipe Industrial	43
Imagem 2: Marcas das portas que foram fechadas na fachada dos depósitos de algodão	43
Imagem 3: Portas abertas nos fundos dos depósitos de algodão	43
Prancha 8:	45
Imagem 1: Detalhe da Fachada do galpão que fica ao lado da Igreja da fábrica	45
Imagem 2: Contrafortes	45
Imagem 3: Alicerce de pedras e tijolos de barro	45
Imagem 4: Muro de tijolos de barro e blocos de cimento	45
Prancha 9:	46
Imagem 1: Planta Hidrográfica da Barra do Porto de Aracaju em 1894	46
Imagem 2: Localização da Fábrica e da Instalação Portuária	46
Imagem 3: Vista Panorâmica do Morro do Urubu	46
Prancha 10:	48
Imagem 1: Estruturas da Instalação Portuária 1	48
Imagem 2: Estruturas da Instalação Portuária 2	48
Prancha 11:	49

Imagem 1: Entrada da Fábrica pelo Rio Sergipe 1938	49
Imagem 2: Vista aérea da Fábrica Sergipe Industrial em 2012	49
Prancha 12:	50
Imagem 1: Antigos Escritórios da Fábrica 1.....	50
Imagem 2: Antigos Escritórios da Fábrica 2	50
Prancha 13:	52
Imagem 1: Casas da Antiga Rua Caiça 1.....	52
Imagem 2: Casas da Antiga Rua Caiça 2	52
Imagem 3: Antiga Rua Caiça após a demolição das Casas	52
Prancha 14:	54
Imagem 1: Casas Av. João Rodrigues	54
Imagem 2: Local onde ficavam as Casas da Av. João Rodrigues	54
Prancha 15:	55
Imagem 1: Casas Travessa São Luiz	55
Imagem 2: Travessa Luiz após a demolição das casas	55
Prancha 16:	56
Imagem 1: Casas da Rua São Luiz 1.....	56
Imagem 2: Casas da Rua São Luiz 2	56
Imagem 3: Casa Ornamentada da Rua São Luiz	56
Prancha 17:	57
Imagem 1: Casas da Rua Belém 1	57
Imagem 2: Casas da Rua Belém 2	57
Imagem 3: Casas da Rua Belém 3	57
Imagem 4: Casas da Rua Belém 4	57
Prancha 18: Mapa dos locais de moradia e percurso dos operários	60
Prancha 19:	62
Imagem 1: Chalé da Fábrica Sergipe Industrial no início do século XX	62
Imagem 2: Representação de uma Casa de Palha	62
Prancha 20:	64
Imagem 1: Igreja da Fábrica Sergipe Industrial	64
Imagem 2: Aspecto do Parque Sergipe Industrial	64
Imagem 3: Possível localização do Parque Sergipe Industrial	64
Imagem 4: Grupo Escolar Augusto Ferraz 1	64

Imagem 5: Grupo Escolar Augusto Ferraz 2	64
Prancha 21:	66
Imagem 1: Detalhe da Fachada da Fábrica Sergipe Industrial.....	66
Imagem 2: Detalhe da Fachada da Fábrica Confiança	66
Imagem 3: Formas triangulares da Fábrica Confiança 1	66
Imagem 4: Formas triangulares da Antiga Fábrica Confiança 2	66
Prancha 22:	72
Imagem 1: Gráfico Análise Gamma	72
Imagem 2: Fábrica Santa Cruz- Estância 1920	72
Imagem 4: Fábrica Santa Cruz- Estância 2007	72
Imagem 4: Aspecto da Vila Operária Fábrica Passagem	72
Prancha 23	74
Imagem 1: Igreja da Fábrica Passagem	74
Imagem 2: Barco Brasiluso da Fábrica Passagem	74
Imagem 3: Vista Aérea da Fábrica Passagem	74
Imagem 4: Píer da Fábrica Passagem	74
Prancha 24:	75
Imagem 1: Fábrica de Senhor do Bomfim	75
Imagem 2: Galpões da Empresa Industrial de Propriá	75
Imagem 2: Fábrica Sam Cristóvam, 1920.....	75
Imagem 2: Galpões da Fábrica Sam Cristóvam, atualmente	75
Prancha 25: Engenho central de Riachuelo e Fábrica de Tecidos ao Fundo	76
Prancha 26: Fábrica de Tecidos de Riachuelo Atualmente	77
Prancha 27:	78
Imagem 1: Fábrica Sergipe Fabril em 1938	78
Imagem 2: Fábrica Sergipe Fabril atualmente	78

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA	13
1.1. Arqueologia Industrial: definições e conceitos	13
1.2. Arqueologia Histórica Industrial no Brasil	19
1.3. Um Patrimônio Arqueológico Industrial: A Fábrica Sergipe Industrial como Objeto de Pesquisa	24
CAPÍTULO 2. UMA INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA: ONDE? POR QUÊ? COMO?.....	26
2.1. Onde? Por quê? Caracterização do objeto de Pesquisa.....	26
2.1.1 A Arqueologia Extensiva	28
2.2. Como? Análise das Fontes Documentais, Iconográficas, Orais e a Prospecção Arqueológica	29
2.2.1 As Fontes Documentais e Iconográficas	29
2.2.2 As Fontes Orais	30
2.2.3 A Prospecção	31
CAPÍTULO 3. O BAIRRO, A FÁBRICA E AS EVIDÊNCIAS MATERIAIS	33
3.1. Massaranduba, Chica Chaves, Tecido, Siqueira de Menezes e Industrial.....	33
3.2. A Fábrica: Um Breve Histórico	37
3.3. As Evidências Materiais	40
3.3.1 Diferentes Elementos Arquitetônicos e Construtivos	40
3.3.2 Uma Instalação Portuária	44
3.3.3 Onde Moravam os Operários?	51
3.3.4 A Igreja, a Escola e o Parque Sergipe Industrial	61
3.3.5 Sergipe Industrial X Cofiança: Discutindo Alguns Aspectos das suas Fachadas	65
3.3.6 Considerações	67
CAPÍTULO 4. POTENCIALIDADES DA ARQUEOLOGIA INDUSTRIAL EM SERGIPE	68
4.1 Potencialidades de Pesquisa	68
4. 2 Tecendo Perspectivas	71
CONSIDERAÇÕES.....	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	84
APÊNDICE A – Formulário de Entrevistas e Entrevistas	90

INTRODUÇÃO

As investigações em Arqueologia Industrial contribuem de forma significativa para a compreensão dos meios e modos de produção, condições de vida e trabalho das sociedades industriais capitalistas.

Esta pesquisa monográfica apresenta num primeiro momento um estudo arqueológico industrial sobre a Fábrica de Tecidos Sergipe Industrial - a primeira indústria do ramo implantada no estado. E, posteriormente, uma discussão a respeito das potencialidades da Arqueologia Industrial em Sergipe.

A Fábrica Sergipe Industrial teve suas atividades iniciadas no ano de 1884 na região aracajuana que atualmente compõe o Bairro Industrial. O seu complexo fabril agregou durante certo período uma vila operária e outros espaços sociais destinados ao lazer dos operários. Suas atividades industriais foram mantidas até o início do ano de 2012, quando ela foi desativada. E, em outubro de 2013, o seu edifício e áreas adjacentes começaram a ser demolidas para sediar a construção de um Shopping Center.

Tendo em vista que a sua edificação e algumas áreas adjacentes seriam destruídas, e levando em conta o meu interesse pela temática da Arqueologia Industrial, propus-me a realizar uma investigação que permitisse evidenciar e interpretar a materialidade localizada no seu espaço fabril e adjacências. Inicialmente o nosso objetivo era realizar uma análise das transformações espaciais sucedidas no interior do estabelecimento, a fim de relacionar as mudanças espaciais com as tecnológicas, sociais e formas de controle do espaço de trabalho. No entanto, devido a uma série de dificuldades na obtenção dos dados e ao impedimento de adentrar no estabelecimento, fez-se necessário estabelecer outras ações e objetivos de pesquisa.

Assim, volvi minha atenção para as evidências materiais localizadas nos espaços externos, que são constituídas basicamente pelas casas remanescentes da antiga vila operária, as fachadas da fábrica e as estruturas que remontam a uma instalação portuária. Para tanto, tais evidências suscitaram os seguintes questionamentos: quais eram as condições de moradia dos operários da Sergipe Industrial? Onde eles moravam? Somente na vila Operária? Quais eram os meios de transporte utilizados para escoar a produção e fazer chegar à matéria-prima ao estabelecimento?

Essas indagações permitiram a formulação das seguintes conjecturas: a implantação da

fábrica modificou a dinâmica urbana do bairro e da cidade; a hierarquia e o controle existente nos espaços internos da fábrica eram estendidos para a vila operária e, o transporte de carga até meados do século XX era realizado pelo meio aquático.

Neste sentido, o objetivo geral desta pesquisa monográfica é: identificar, registrar e interpretar a materialidade circunscrita no entorno da Fábrica Sergipe Industrial e discutir as potencialidades da Arqueologia Industrial em Sergipe. Especificamente objetivou-se: levantar dados documentais, iconográficos e orais detentores de informações alusivas aos espaços da Fábrica Sergipe Industrial; prospectar e identificar em suas adjacências as construções remanescentes da antiga vila operária e, levantar dados sobre as indústrias têxteis que foram implantadas no estado desde o final do século XIX até meados do século XX.

Os procedimentos de campo efetivados foram guiados pelas práticas metodológicas da Arqueologia Extensiva. Desse modo, as nossas ações estiveram focadas no levantamento das fontes documentais, iconográficas e orais, e na realização de uma prospecção sistemática de superfície – sem escavações – nas adjacências da Fábrica Sergipe Industrial.

A monografia está dividida em quatro capítulos. O primeiro versa sobre o contexto de surgimento e desenvolvimento da Arqueologia Industrial. Também discorremos sobre as pesquisas brasileiras que abarcam esta temática.

O segundo refere-se aos procedimentos metodológicos realizados em campo, tais como prospecção, visita a arquivos públicos e a realização de entrevistas e análise dos dados.

No terceiro, apresentamos os resultados obtidos na investigação sobre a Sergipe Industrial. E, no quarto e último, realizamos uma sucinta discussão sobre as potencialidades de estudos da Arqueologia Industrial em Sergipe.

CAPÍTULO I - CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA DA PESQUISA

1.1 Arqueologia Industrial: origens, definições e conceitos

O estudo dos remanescentes industriais através da ótica da Arqueologia foi proposto por alguns pesquisadores ainda no século XIX. Dentre estes pesquisadores destacam-se Francisco Marques de Sousa Viterbo e Isaac Fletcher. O primeiro sugeriu no final do século XIX que os antigos moinhos portugueses poderiam ser convertidos em uma temática de estudo da Arqueologia. Assim, paralelo aos temas clássicos, começaria a ser desenvolvida a prática de uma “Arqueologia da Indústria” (MENDES, 2012). Já o segundo utilizou-se das práticas arqueológicas para estudar os vestígios da indústria de carvão da zona oeste de Cumberland, na Grã Bretanha em 1878 (SANCHIZ, 2007).

Perspectivas como essas apontadas acima ficaram no esquecimento até meados do século XX. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, teve início nos países devastados pelos bombardeios o processo de reconstrução dos núcleos industriais e urbanos. Tal procedimento à medida que reconstruía, destruía os vestígios industriais que ainda restavam.

O rápido desaparecimento de significativos elementos industriais motivou reivindicações a favor da proteção e valorização desses bens. Tais requisições se deram principalmente nos países que foram pioneiros no processo de industrialização. Assim, entre outros objetivos, a busca de proteção aos bens industriais era movida principalmente pelo sentimento nacionalista (CERDÀ & BONAFÈ, 1995).

A utilização do termo Arqueologia Industrial apareceu pela primeira vez em uma publicação de Michael Rix, em 1955. O referido autor, sensibilizado com a destruição do patrimônio industrial inglês utilizou-se do termo para nomear a relação do seu estudo com os elementos remanescentes da Revolução Industrial (SANCHIZ, 2007).

Nesse contexto a Arqueologia Industrial surge primeiramente na Inglaterra como uma reação contrária a destruição¹ de expressivos elementos industriais, sobretudo, os que remontam ao período da Revolução Industrial. Como medida de preservação do Patrimônio Industrial inglês, profissionais de diversas áreas e as populações locais, organizaram-se e originaram amplos movimentos preservacionistas (CERDÀ & BONAFÈ, 1995).

Dentre os movimentos criados em prol da conservação dos monumentos industriais

¹ Uma data chave para a consolidação da disciplina foi a destruição em 1963 de um pórtico dórico da Estação londrina Euston Station, construído em estilo clássico pelo arquiteto Philip Hardwick em 1837.

destaca-se o *Industrial Archaeology Research Committee* (IARC) criado em 1958 pelo *Council of British Archaeology* e o *Committee National Register of Industrial Monuments* (NRIM) criado em 1959. Para além desses comitês, foi criado em 1971 - *The International Committee for the Conservation of Industrial Heritage* (TICCIH). Surgiram também associações locais que principiaram a catalogação, registro e inventário dos vestígios industriais antes que eles desaparecessem (CERDÁ 2008; PARTEARROYO 2007). Essa onda de movimentos não demorou muito para se estender a outros países europeus.

Na Itália o interesse pela preservação do Patrimônio Industrial começou em 1976, como o surgimento do *Centro di Documentazione e di Ricerca Archeologia Industriale*. Um ano depois foi realizado o *Convegno Internazionale di Archeologia Industriale*. Em 1978 foi publicado o livro *L'archeologia Industriale*, dos autores Antonello Negri y Massino Negri; no mesmo ano foi criada a *Società Italiana per l' Archeologia Industriale* (SIAI). Em 1985 foi criado o *Istituto di Cultura Materiale e Archeologia Industriale* (ICMAI); e em 1997, fundada a *Associazione Italiana per il Patrimonio Archeologico Industriale* (AIPAI) (CERDÀ, 2008).

Já na França as primeiras manifestações apareceram na década de 1970. Destaca-se a criação em 1973 do *Ecomusée du Creusot Montceau* uma instituição criada para registrar, estudar e promover o valor patrimonial da tradicional zona siderúrgica de *Communauté Le Creusot Montceau*. Em 1978 surgia o *Comité d'Information et de Liaison pour l' Archéologie, l'Étude et la Mise en valeur du Patrimoine Industriel* (CILAC), tal comitê editou a Revista intitulada: *L' Archéologie Industrielle en France*. Em 1980 Maurice Daumas publica seu livro também intitulado *L' Archéologie Industrielle em France* (CERDÀ, 2008; PARTEARROYO, 2007).

Na Espanha a Arqueologia Industrial tem como marco a publicação do livro *Arqueologia Industrial en Alcoi*, na década de 1980. Em 1982 foram publicadas as atas da *I Jornada sobre a Proteção e Revalorização Patrimônio Industrial*. No final da mesma década, em 1988, foi fundada a *Associação Valenciana de Arqueologia Industrial* (AVAI) (CERDÁ, 2008; SANCHIZ, 2007).

Portugal se destaca pela fundação da *Associação de Arqueologia Industrial da Região de Lisboa*, em 1970, a qual originou em 1987 a *Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial* (APAI). O objetivo da instituição é investigar, identificar, valorizar, classificar, conservar e reutilizar o Patrimônio técnico e industrial português utilizando os métodos e fontes da Arqueologia Industrial (CERDÁ, 2008). Outros países europeus como a Alemanha,

Holanda e Bélgica também tiveram uma acentuada participação.

Para além dos países europeus, a Arqueologia Industrial também ganhou força em países americanos como é o caso dos Estados Unidos que marca as origens da disciplina no país em 1967, com a realização de um seminário sobre a temática organizado em Washington (CERDÁ, 2008).

No Brasil a temática foi introduzida pelo historiador Warren Dean, em 1976. O referido historiador influenciado pelas ideias vigariantes nos países europeus e nos Estados Unidos publicou um artigo nos Anais de História da Universidade de São Paulo, intitulado *A Fábrica São Luiz de Itú: um estudo de arqueologia industrial*. No seu estudo Dean abordou o processo de industrialização da época, as relações da fábrica com a cidade, a tecnologia construtiva empregada no edifício e a sua trajetória arquitetônica (VICHNEWSKI, 2004).

Diante do que já foi exposto, fica evidente que as discussões em torno da Arqueologia e do Patrimônio Industrial ganhou adeptos e espaço no mundo acadêmico. É importante mencionar que o primeiro livro sobre a temática foi publicado na década de 1960. Nesse período também foi fundada a primeira revista sobre o tema. Ambos são de autoria do britânico Kenneth Hudson².

Também foi nesse momento que a recém-surgida disciplina começou a ser delimitada e conceituada. Kenneth Hudson a definiu como uma disciplina cuja finalidade é “[...] *el descubrimiento, la catalogación y el estudio de los restos físicos del pasado industrial, para conocer a través de ellos aspectos significativos de las condiciones de trabajo, de los procesos técnicos y de los procesos productivos*” (KENNETH HUDSON, 1963 *apud* PARTEARROYO, P. 3, 2007).

Em contrapartida Rix (1967) citado por Partearroyo (2007), diz que o objetivo da Arqueologia Industrial é “[...] *el registro, la preservación en casos seleccionados y la interpretación de los sitios y las estructuras de las primeras actividades industriales, particularmente los monumentos de la revolución industrial*” (p.5).

As definições de Hudson e Rix foram as primeiras de muitas outras que se sucederam. As discussões em torno da definição de Arqueologia Industrial geraram uma série de

² Kenneth Hudson publicou em 1963, o livro intitulado: *Industrial Archaeology: An Introduction*. E no ano seguinte fundou também a primeira revista sobre a Arqueologia Industrial, seu título era: *The Journal of Industrial Archaeology* e, mais tarde passou a ser chamada: *Industrial Archaeology: The Journal of the History of Industry and Technology* (CERDÁ, 2008).

questionamentos quanto aos limites cronológicos, objetos e objetivos de estudo da disciplina.

A origem dessas discussões conforme aponta Parterroyo (2007), está na imprecisão do termo relacionado à expressão *industrial*. Assim, os pesquisadores começaram a fazer as seguintes indagações: qual o período industrial a ser estudado? Ficaria remetido somente ao estudo dos restos materiais a partir da Revolução Industrial? Por quê? Quais seriam os seus objetos e objetivos de estudo? Somente máquinas e instalações fabris?

A resposta para tais indagações não chegou a um consenso. E o resultado foi o surgimento de diferentes tendências ou “escolas” da Arqueologia Industrial. Conforme foi configurado por Aguilar (1998), citada em Partearroyo (2007):

- ❖ A escola Inglesa tem como percussores: Buchanan, Hudson, Panell e atualmente é representada por Marilyn Palmer. Nessa escola grande parte dos trabalhos realizados em Arqueologia Industrial centra-se no período delimitado a partir da Revolução Industrial. E, uma pequena minoria interpreta a disciplina como “Arqueologia da Indústria”; seu período de estudo abarca todos os períodos da história e da pré-história, assim, toda evidência humana contextualizada como mercadoria, seja um biface, uma máquina e\ou um edifício industrial todos são objetos de análise.
- ❖ A escola Italiana é a que conseguiu delimitar melhor a área de estudo da Arqueologia Industrial. Seus percussores são Negri e Andrea Carandini. Este último propõe que a disciplina não seja outra coisa se não a “Arqueologia” das formações Capitalistas.
- ❖ A escola Espanhola tem como percussor R. Aracil. As áreas de investigação espanhola compreendem desde Manufaturas Reais, teares da época moderna a bens industriais atuais; no entanto, dedica especial atenção ao período da indústria capitalista. Seus seguidores argumentam que esse sistema (industrial-capitalista) originou bruscas mudanças econômicas, sociais e culturais em um curto período de tempo. Assim, o estudo da Arqueologia Industrial focado nesse período, ajudará a formular interpretações mais ricas sobre tais mudanças.
- ❖ A Escola Francesa possui duas vertentes, uma é bastante tradicional e não admite o uso de documentos escritos, na realização das pesquisas; a outra defende uma visão autônoma da disciplina.

Algumas definições recentes da Arqueologia Industrial, como a que consta na Carta de Nizhny-Tagil³ elaborada pelo *The International Committee for the Conservation of Industrial Heritage* (TICCIH) em julho de 2003 delimita o período de estudo, bem como os objetos de análise da disciplina. Assim, segue o texto escrito no referido documento:

A Arqueologia Industrial é um método interdisciplinar que estuda todos os vestígios, materiais e imateriais, os documentos, os artefatos, a estratigrafia, as estruturas, as implantações humanas e as paisagens naturais e urbanas, criadas para ou por processos industriais. A arqueologia industrial utiliza os métodos de investigação mais adequados para aumentar a compreensão do passado e do presente industrial. O período histórico de maior relevo para este estudo estende-se desde os inícios da Revolução Industrial, a partir da segunda metade do século XVIII, até os nossos dias, sem negligenciar as suas raízes pré e protoindustriais. Para, além disso, apoia-se no estudo das técnicas de produção, englobadas pela história da tecnologia (p. 2).

Para Manuel Cerdá e Mario Garcia Bonafé (1995) a Arqueologia Industrial é:

Disciplina que se ocupa de registrar, investigar y analizar los vestigios materiales de la sociedad industrial-capitalista. Para ello se sirve del método arqueológico y sus procedimientos (prospección, excavación, documentación, clasificación y análisis del registro) son los mismos que los de cualquier otro ramo de la Arqueología. Como parte de ésta, su finalidad es la de producir conocimientos históricos desde los que se pode interpretar y explicar la realidad del período de su estudio, en este caso el que se inicia con la industrialización y finaliza en el momento en que la tecnología actual comienza a ser descartada (CERDÁ & BONAFÉ, 1995, p. 94)

Em linhas gerais pode-se dizer que a Arqueologia Industrial surgiu como um instrumento de catalogação e preservação dos bens industriais e, nas últimas décadas, tem passado por um processo de amadurecimento e conceituação de suas práticas.

Desse modo, podemos compreender a Arqueologia Industrial, em um sentido amplo, como uma subdisciplina da Arqueologia Histórica, focada no estudo das sociedades industriais capitalistas, através das suas expressões materiais (CERDÁ & BONAFÉ, 1995; SCARLET, 2002).

Segundo Palmer & Neaverson (1998) em seu livro intitulado: *Industrial Archaeology: Principles and Practice* muitos trabalhos realizados em Arqueologia Industrial tem sido meramente descritivos, ficando alheios às proposições teóricas e metodológicas da Arqueologia. Eles ressaltam também que os trabalhos realizados com aporte teórico, na maioria das vezes, ficam restritos a abordagens processuais focadas na funcionalidade e estruturas dos locais, bem como nos aspectos econômicos e tecnológicos.

Sanchiz (2007) explica que esses trabalhos meramente descritivos se dão pelo fato de

³ A Carta de Nizhny-Tagil foi elaborada em Moscou, na Rússia durante a realização do *XII The International Committee for the Conservation of Industrial Heritage* (TICCIH) em julho de 2003.

que, em suas origens, a Arqueologia Industrial foi uma disciplina desenvolvida e praticada por profissionais de outras áreas como arquitetos, engenheiros, economistas entre outros. Desse modo, a falta de conhecimento por parte desses profissionais a respeito das proposições teóricas e metodológicas da Arqueologia, ocasionou o desenvolvimento de pesquisas alheias às possibilidades de análise da cultura material oriunda do processo de industrialização.

Assim, o desenvolvimento de uma “Arqueologia Industrial sem arqueólogos” acabou gerando diferentes abordagens para o estudo dos restos materiais provenientes da indústria. Os arquitetos, engenheiros, economistas, historiadores da técnica e da ciência defendem a conservação e proteção dos bens industriais; enquanto que os arqueólogos ditos industriais defendem o estudo de toda a cultura material gerada pela industrialização. E, com isso, procedem com sua investigação no intuito de produzir conhecimentos sobre a sociedade industrial que produziu e vivenciou esses objetos (SANCHIZ, 2007; CERDÁ, 2008).

Nesse sentido, Palmer & Neaverson (1998) comentam que muitos sítios industriais fornecem evidências materiais e documentais sobre os movimentos sociais ocorridos durante o processo de industrialização. Por isso, consideram que a abordagem da Arqueologia Marxista seria a mais apropriada nesses contextos. Deste modo, as evidências (materiais e documentais inseridas no contexto) testemunham as contradições entre as forças e as relações de produção, isto é, entre a organização capitalista que utiliza novas tecnologias e a organização social dos trabalhadores que foram obrigados a adaptar-se a um novo modo de trabalho e muitas vezes a um novo ambiente. No entanto, os autores ressaltam que essa abordagem não se aplica a todos os sítios industriais.

Palmer & Neaverson (1998), ressaltam também que uma estrutura industrial não é um monumento isolado e, sim, parte de uma rede de ligações relativas aos métodos e meios de produção. Partindo desse pressuposto, os autores sugerem a efetuação de abordagens focadas na Arqueologia Contextual de Ian Hodder. E concluem dizendo, que a análise contextual inclui tanto os aspectos econômicos, as fontes de matérias-primas, os métodos de processamento, as redes de transporte, como também o contexto social de produção. Este último configura-se como um elemento essencial para a compreensão das relações simbólicas presentes nos sítios.

Devemos ressaltar que por motivos históricos a Arqueologia Industrial não se desenvolveu de forma homogênea entre os continentes, principalmente entre o europeu e americano.

Nos países europeus a Arqueologia é entendida como o estudo do desenvolvimento da sua própria sociedade, ou seja, os povos históricos (sociedade com escrita) são descendentes diretos dos ditos povos pré-históricos. Assim sendo, a Arqueologia Industrial é entendida como uma vertente da Arqueologia, tal como funciona para denominar, Arqueologia Clássica, Arqueologia Medieval, entre outras (FUNARI, 2007; CERDÁ, 2008).

Entretanto, na América, ocorre o contrário: o processo de colonização e\ou expansão europeia pelo qual passou, ocasionou o extermínio e a transformação radical das populações nativas. Todavia, o estudo do período Pré-Histórico na América é caracterizado como o estudo do “outro”, e, remete-se ao período anterior à chegada dos colonizadores europeus. Já o período Histórico corresponde ao período a partir da presença dos colonizadores e\ou das transformações ocorridas durante o processo de consolidação das colônias que posteriormente originaram novas nações (ORSER, 1992; FUNARI, 2007).

Destarte, a Arqueologia Industrial nos países do continente americano tem sido desenvolvida dentro dos pressupostos da Arqueologia Histórica. Os estudos nessa área começaram a ser realizados nos Estados Unidos na década de 1930, mas a disciplina só foi organizada oficialmente na década de 1960 (ORSER, 1992; FUNARI, 2007; CERDÁ, 2008).

Conforme apontam Zarankin & Salermo (2007), a Arqueologia Histórica no decorrer das décadas foi alvo de muitas discussões. Mas, recentemente, ela tem sido delimitada como o estudo dos processos de consolidação do mundo moderno. Tais processos tiveram início com a expansão europeia e o desenvolvimento do sistema capitalista.

É importante observar também que os limites cronológicos da Arqueologia Industrial entre os continentes são distintos. Essa distinção se expressa pelo fato das regiões terem passado por períodos de desenvolvimento industriais extremamente diferentes.

1.2. A Arqueologia Histórica Industrial no Brasil

A Arqueologia Histórica brasileira no decorrer da sua trajetória passou por profundas transformações. Atualmente ela abarca uma série de campos interdisciplinares e entre eles está a Arqueologia Industrial.

Apesar da existência de pesquisas anteriores⁴ a Arqueologia Histórica no Brasil só

⁴ Entre as investigações da década de 1930 destacam-se os trabalhos de Hermann Kruse sobre as Casas Fortes na Bahia, e, os de Loureiro Fernandes referente aos túmulos de quilombolas no Paraná. Na década de 1940,

começou a ser praticada efetivamente por pesquisadores institucionalizados a partir da década de 1960 (LIMA, 1993; SYMANSKI, 2009; COSTA, 2013).

Segundo Lima (1993), nessa época as investigações levadas a cabo na disciplina foram desenvolvidas por arqueólogos pré-historiadores e fortaleceram-se graças à promulgação da lei federal n. 3.924/61. Tal lei dispõe sobre a proteção dos monumentos arqueológicos e sítios pré-históricos. E permanece em vigor até os dias atuais. É interessante notar que a promulgação da referida lei está intimamente ligada à iniciativa do humanista Paulo Duarte em defender os povos nativos e o seu patrimônio (FUNARI, 2007).

É importante mencionar que em 1964 o país sofreu um golpe militar, assim, as pesquisas arqueológicas humanistas iniciadas por Paulo Duarte foram reprimidas pelo governo arbitrário. Logo em seguida, foi organizado o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas - PRONAPA (FUNARI, 2007). Esse programa foi instituído pelo Instituto Smithsonian e as autoridades militares que governavam o país naquela época. Ele foi coordenado pelos arqueólogos norte-americanos Clifford Evans e Betty Meggers e teve duração de cinco anos (Idem, Ibidem).

Desse modo, conforme aponta Lima (1993), a Arqueologia Histórica brasileira em seu período inicial desenvolveu-se *“fortemente impregnada da ideologia então vigente nas esferas patrimoniais, cuja concepção elitista e eminentemente arquitetônica de bem cultural, privilegiava, sobretudo, os monumentos de pedra e cal”* (p.226). Assim, durante esse período o foco principal dos estudos históricos incidia em igrejas, conventos, missões, fortificações, solares entre outros. Essa atração pelos monumentos da Arquitetura Colonial privilegiava os feitos dos povos dominantes.

Symanski (2007) comenta que entre as décadas de 1960 e 1970 a abordagem teórica histórico-culturalista foi bastante produtiva. Esse período caracterizou-se pelo surgimento de estudos comparativos realizados com material cerâmico proveniente das vilas espanholas e dos sítios missioneiros do sul do país. Tais estudos tinham como objetivo analisar os processos de mudança ocorrido na cultura material das populações guarani, a partir do contato com os colonizadores espanhóis.

destacam-se as pesquisas de Virginia Watson realizada nas ruínas da vila espanhola Ciudad Real do Guairá no Paraná. A década de 1950 corresponde aos trabalhos de Loureiro Fernandes sobre os Colégios dos Jesuítas no Paraná e as pesquisas do padre Luis G. Jaeger em 1959, nas Missões de São Nicolau, São Luiz Gonzaga e São Borja no Rio Grande do Sul (LIMA, 1993; SYMANSKI, 2009).

No final da década de 1960, surgiram também, trabalhos focados no processo de aculturação⁵. No decorrer dos anos 1970 a Arqueologia Histórica foi incorporada aos processos de restauração de monumentos históricos. Tal incorporação lhe conferiu uma posição de disciplina subordinada aos interesses dos arquitetos e historiadores (LIMA, 1993; SYMANSKI, 2009; COSTA, 2013).

Na década de 1980 a Arqueologia Histórica brasileira passou por significativas mudanças. Conforme aponta Lima (1993), a disciplina:

Vislumbrou-se do seu potencial para dar voz a minorias étnicas e a segmentos subalternos, oprimidos, desfavorecidos, ou marginais, que não puderam registrar sua própria história; recuperar memórias sociais, reinterpretar a História Oficial, resgatar elementos e práticas da vida cotidiana, sobre os quais normalmente não se escreve, e assim por diante (LIMA, 1993, p. 228).

A abertura de novas perspectivas de estudo ampliou os horizontes de atuação da disciplina. Assim, o foco das pesquisas históricas voltou-se para sítios quilombolas, becos urbanos, quintais, caminhos, povoados, fazendas, senzalas, campos de batalhas entre outros (LIMA, 1993; COSTA, 2013).

Funari (2007) assinala que um fator muito importante para essas mudanças de paradigmas foi o fim do governo militar, em 1985. Conforme aponta o autor “[...] *os arqueólogos se viram mais uma vez livres para se comprometer com os grupos subalternos*” (p. 121).

É nesse contexto que aparecem as primeiras pesquisas em sítios industriais realizadas por arqueólogos no país. Nesse período teve início no município de São Paulo as pesquisas realizadas pelo Programa de Arqueologia Histórica Municipal. Ele foi coordenado pela arqueóloga do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, Margarida Davina Andreatta. E teve a colaboração do Departamento do Patrimônio Histórico da Secretária Municipal de Cultura (ZEQUINI, 2006).

Em 1983 a arqueóloga Margarida Davina Andreatta iniciou as investigações na Fazenda Ipanema no município de Iperó. As prospecções e escavações realizadas na fazenda evidenciaram ruínas de forjas e fornos que foram possivelmente construídos e utilizados para a fabricação de ferro entre os séculos XVI e XVIII. Os resultados e históricos dessas

⁵ Conforme ressalta Symanski (2009) esse modelo considera a cultura material como um indicador apático de etnicidade. Tal modelo parte do princípio de que se um determinado grupo étnico incorpora itens materiais de outro grupo (politicamente dominante), consequentemente ele adota também “traços culturais” que por sua vez incidem na perda da “identidade étnica” do grupo ao qual pertence. Por isso, sofreu profundas críticas nas últimas décadas.

pesquisas estão expressos na tese de doutoramento de Ancileide Zequini (2006).

Na década de 1990 a Arqueologia Histórica brasileira consolidou-se no âmbito acadêmico com a produção de dissertações e teses e com a publicação de livros e artigos sobre a temática (FUNARI, 2007).

Esse momento caracteriza-se também pela inserção da análise de outras categorias materiais para além da cerâmica, como a diversidade de louças (faiança, faiança fina e porcelana), material vítreo e metal (SYMANSKI, 2009; COSTA, 2013).

No tocante ao estudo dos sítios industriais, nesse mesmo período, foi consolidado o Termo de Cooperação Técnico Administrativo entre a USP e a Prefeitura Municipal de Santos objetivando a realização de uma pesquisa arqueológica histórica e industrial em uma área aproximada de quase 50 mil m², que abrange o Engenho dos Erasmos. Desse modo, foi formada uma comissão para a elaboração de um projeto interdisciplinar que promovesse a recuperação e a preservação do Engenho São Jorge dos Erasmos, a qual teve como Coordenadora da Pesquisa Arqueológica, a arqueóloga Margarida Davina Andreatta (ANDREATTA, 1999).

A pesquisa arqueológica realizada por Andreatta (1999) no Engenho dos Erasmos foi iniciada em 1996. As prospecções evidenciaram a presença de estruturas como alicerces, calçadas de pedra, fossos entre outras. Foram coletados também materiais de uso cotidiano como fragmentos de tachas de cobre e forma para fabricação de pão de açúcar.

No período contemporâneo a Arqueologia Histórica no Brasil explora temáticas diversificadas como o gênero, a paisagem, as relações de poder, o comportamento de consumo, o capitalismo, o urbano, entre outros (SYMANSKI, 2009). As abordagens teóricas centram-se principalmente nas perspectivas da Arqueologia Crítica e Simbólica. Já os trabalhos realizados em sítios industriais ainda são bastante incipientes e na sua maioria vinculam-se à preservação do patrimônio industrial.

Para além das pesquisas focadas na preservação do Patrimônio Industrial destaca-se a dissertação de mestrado de Rafael de Abreu e Souza sobre o sítio arqueológico Petybon⁶, localizado no bairro da Lapa, na cidade de São Paulo. Segundo Souza (2010), a escavação revelou que naquele local existiu a primeira fábrica de louças (faianças finas) do país, a

⁶ O sítio foi escavado em 2003 pela empresa Zanettini Arqueologia, sob a coordenação do arqueólogo Paulo Eduardo Zannettini.

produzir nos moldes industriais e em larga escala. A então denominada Fábrica de Louças Santa Catharina foi fundada em 1913 e funcionou até o ano de 1937. Nesse ínterim, em 1927 o estabelecimento foi adquirido pelo grupo Matarazzo e passou a fazer parte das Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo – IRFM – São Paulo.

Na referida dissertação o autor parte do pressuposto de que a faiança fina presente no Sítio Petybon é um elemento que dialoga diretamente com as percepções da modernidade vigente na cidade de São Paulo no início do século XX. De acordo com Souza (2010), a análise de tais elementos materiais permitiu a realização da seguinte inferência: a persistência de algumas louças, (tigelas em seus diferentes tipos e volumes) durante todo o período de produção da Fábrica (1913 – 1937) - evidenciadas durante a escavação arqueológica - aponta para a permanência de hábitos campestres na cidade, assinalando uma fragilidade da dicotomia campo-cidade. O autor também destaca o processo produtivo da fábrica, os possíveis usos atribuídos aos objetos, as formas de controle imposta aos trabalhadores pelo sistema fabril e como estes desenvolvem formas de micro-resistências.

Do mesmo modo referenciamos as teses de doutorado de Filomena Pugliese Fonseca e Dalmo Dipllod Vilar. Fonseca (2007) analisou o sistema de abastecimento de água da cidade de São Paulo no início do século XX. Sua pesquisa permitiu compreender como a construção de uma barragem (Cabuçu) tornou o abastecimento de água menos elitizado, quando este chegou aos bairros proletários. Já Villar (2007) inventariou as construções hidráulicas implantadas na Serra da Cantareira no final do século XIX.

Referenciamos também a tese de Duran (2008). O referido pesquisador identificou, na Ilha do Bom Abrigo, localizada no litoral sul paulista, estruturas que pertenciam a uma fábrica de óleo de baleia, instalada na ilha durante a segunda metade do século XVIII. O estudo arqueológico realizado por Duran permitiu realizar inferências sobre a função de cada estrutura evidenciada, os processos de fabricação do óleo, consumo e transporte.

Mencionamos ainda a dissertação de mestrado de Roberto Pontes Stanchi, sobre a vila operária da Companhia de Fiação e Tecidos Confiança Industrial, localizada no bairro de Vila Isabel, no Rio de Janeiro. Em sua pesquisa Stanchi (2008) analisou as plantas das casas que faziam parte da vila operária da referida indústria têxtil. A análise permitiu averiguar a permanência de traços coloniais na composição arquitetônica das moradias da vila. A presença destes denota que o processo de modernização pelo qual passava o bairro e a cidade, ainda preservava características de uma mentalidade senhoril.

Destacamos ainda a publicação de Thiesen (2006). Na referida publicação a autora faz uma análise simbólica das representações presentes nas esculturas da fachada da Fábrica de Cerveja Bopp & Irmãos, inaugurada em Porto Alegre no ano de 1911. Para Thiesen (2006), tais representações escultóricas representam a burguesia daquela época, bem como o discurso que ela fazia de si, para si mesma e para os outros. Destaca-se também a publicação de Costa (2012) sobre uma vila de mineração de ouro do final do século XIX no Centro Oeste brasileiro.

1.3 Um Patrimônio Arqueológico Industrial: A Fábrica Sergipe Industrial como Objeto de Pesquisa

O patrimônio arqueológico industrial pode ser compreendido como o conjunto de bens provenientes do processo de industrialização que potencialmente pode ser estudado pelos princípios teóricos e metodológicos da arqueologia (CERDÀ, 2008).

Desse modo, a preservação e o estudo dos objetos materiais industriais (que constituem o patrimônio arqueológico industrial) são de extrema importância para que possamos conhecer através deles aspectos significativos sobre os modos de produção, condições de vida e trabalho da sociedade industrial – capitalista de uma determinada época, entre outros objetivos.

Nesse sentido, consideramos a Fábrica Sergipe Industrial como um patrimônio arqueológico industrial tendo em vista que ela trazia em sua materialidade os traços de uma determinada sociedade.

No entanto esse testemunho material, assim como muitos outros espalhados pelo estado não tem nenhum tipo de proteção. A Fábrica Sergipe Industrial foi desativada em 2012 e desde então foi organizado um abaixo-assinado⁷ em prol do seu tombamento. Apesar da tentativa, a fábrica foi demolida (logo após realizarmos a etapa de campo). Além disso, outros espaços constituídos dentro do universo fabril como a vila operária sofreram significativas mudanças ao longo das décadas e os poucos elementos que persistem também começam a desaparecer.

Diante de tamanha problemática e descaso para com esse “patrimônio arqueológico

⁷ Abaixo-Assinado Tombamento da Fábrica Sergipe Industrial em Aracaju- SE (Brasil). Enviado ao Conselho de Cultura de Sergipe, IPHAN superintendência de Sergipe, Secretária de Cultura de Sergipe, Governador Marcelo Deda. In: www.peticaopublica.com.br.

industrial” realizamos um estudo arqueológico histórico que possibilitou a identificação, o registro e interpretação das instalações circunscritas nos seus espaços externos.

Por fim, efetivamos um levantamento das fábricas de tecidos implantadas no Estado de Sergipe desde o final do século XIX até meados do século XX, no intuito de discutir os desafios e as possibilidades que estes estabelecimentos possuem como objetos de pesquisa da Arqueologia Industrial. A discussão será apresentada no quarto capítulo.

CAPÍTULO 2. UMA INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA: ONDE? POR QUÊ? COMO?

2.1. Onde? Por quê? Caracterizando o objeto de Pesquisa

Ao longo dos seus 130 anos de fundação, a fábrica Sergipe Industrial e o seu entorno foram constituindo-se intrinsecamente, determinado pelo modo de produção capitalista e pelas diferentes formas de trabalhar e viver das pessoas.

Ela se situava na Av. João Rodrigues, no Bairro Industrial em Aracaju- SE e limitava-se com o antigo porto e o centro comercial da cidade (**prancha 1**). Embora ela tenha sido construída a mais de um século há uma relativa dificuldade na obtenção de informações a seu respeito, principalmente, sobre as primeiras décadas. A documentação existente é composta, em sua maioria, por jornais operários e jornais de grande circulação, além de algumas revistas, mapas, plantas e comunicações oficiais do governo. Ressaltamos que os jornais operários não estão disponíveis para pesquisa em razão do estado de conservação.

Somam-se a essa documentação as publicações de historiadores e professores, dentre eles destacam-se: Antônio Lindvaldo de Sousa⁸, Ibarê Dantas⁹ e Luiz Antônio Barreto¹⁰. Para além das publicações historiográficas, destacamos no âmbito da Arqueologia e mais precisamente da Arqueologia Industrial, a pesquisa monográfica de Regina Calazans sobre as relações de gênero estabelecidas no espaço da fábrica durante o seu período de funcionamento. O estudo realizado por Calazans (2013) permitiu compreender que durante as primeiras décadas de funcionamento do estabelecimento, o elevado número de mulheres operárias se dava em razão de que as máquinas manipuladas pelas mulheres – durante esse período - exigiam mais jeito e menos força física. Assim, as mulheres eram incumbidas de trabalhar nas máquinas consideradas mais “perigosas”, tais como urdideiras, enroladeiras, lançadeiras entre outras.

⁸ O referido professor defendeu em sua monografia de conclusão de curso em história, pela Universidade Federal de Sergipe o trabalho intitulado *Disciplina e Resistência: cotidiano dos operários têxteis em Aracaju (1910-1930)*; em sua especialização em ciências sociais defendeu a monografia intitulada *Em nome do progresso e da liberdade... ’’: ordem e rebeldia no processo urbano de Aracaju (1910-1930)*. No ano de 2010 publicou pelo Centro de Educação à Distância da UFS o livro intitulado *Temas de História de Sergipe II*, no qual ele menciona a importância da fábrica no processo de “modernização” de Aracaju.

⁹ DANTAS (1992) destacou as greves ocorridas na fábrica e o movimento operário em algumas de suas publicações.

¹⁰ BARRETO (2004, 2008) destacou em alguns dos seus artigos, o papel do empresário Thales Ferraz como diretor da Fábrica Sergipe Industrial de 1906 a 1927.

PRANCHA1

No entanto, com exceção da pesquisa realizada por Calazans (2013), os demais trabalhos não contemplam, em sua totalidade, a materialidade existente naquele espaço (na fábrica e em seu entorno). Bem como não relacionam a cultura material existente com a sociedade que a produziu.

Nesse sentido, na presente investigação realizamos a identificação, o registro e a interpretação dos elementos materiais circunscritos no entorno do estabelecimento, no intuito de compreender toda essa materialidade como um conjunto de ações que estão expressas e associadas a um determinado contexto econômico e social.

Assim, tendo em vista alcançarmos esses objetivos, desenvolvemos no decorrer da pesquisa um levantamento de fontes documentais, iconográficas e orais, além de realizarmos uma prospecção sistemática de superfície – sem escavações – no entorno e adjacências da fábrica. Tais procedimentos baseiam-se nas práticas da Arqueologia Extensiva.

Ressaltamos que não realizamos uma “observação direta” no interior do edifício, pois não fomos autorizados a adentrar no estabelecimento. Destarte, as informações sobre os espaços internos ficaram restritas a observação de uma planta¹¹ geral da fábrica elaborada em 2004.

2.1.1 A Arqueologia Extensiva

A Arqueologia Extensiva é uma postura teórico-metodológica desenvolvida por arqueólogos vinculados a vertente da Arqueologia Social. Segundo Botto (2012), ela pode ser entendida como uma Arqueologia não destrutiva que busca tanto a recolha de informações provenientes das fontes documentais e orais como também as originárias do registro arqueológico. O seu objetivo incide em realizar análises históricas dos processos de transformações ocorridas nos espaços em estudo (BARCELOS, 2000). No tocante aos procedimentos metodológicos, estes se assemelham aos da Arqueologia Espacial e da Arqueologia da Paisagem.

De acordo com Barceló (1988) citado em Barcelos (2000) a Arqueologia Extensiva pode ser compreendida como sinônimo da Arqueologia Espacial. Nesse sentido o autor comenta que *“en rigor, la práctica y los métodos de la llamada arqueología extensiva o espacial son una formalización refinada de la práctica y métodos desarrollados por la*

¹¹ A planta geral da fábrica foi cedida gentilmente por Regina Calazans. Ela foi confeccionada pelo arquiteto Décio Carvalho de Aragão em 2004.

geografía histórica y la arqueología del paisaje” (BARCELÓ, 1988, p. 195 *apud* BARCELOS, 2000, p. 45).

Entre os procedimentos que a diferencia das demais, destacamos a importância das fontes escritas no processo de investigação (BARCELOS, 2000). Neste sentido, Barceló (1988) citado em Jiménez Puertas (2006), diz que o objetivo da Arqueologia Extensiva é reunir todo tipo de informação, inclusive a escrita, no intuito de identificar, relacionar e entender as transformações acometidas nos espaços sociais em estudo no decorrer dos tempos.

Segundo Barcelos (2000) a Arqueologia Espacial, Extensiva e da Paisagem compõem um mesmo campo de investigação, porém cada uma dedica maior ênfase a um determinado segmento. Assim, a Arqueologia Espacial demonstra maior aproximação com os dados antropológicos; a da Paisagem com os geográficos e a Extensiva com os historiográficos.

2.2. Como? Análise das Fontes Documentais, Iconográficas, Orais e a Prospeção Arqueológica

2.2.1 As Fontes Documentais e as Iconográficas

Para realizarmos uma investigação arqueológica histórica é necessário utilizar todos os tipos de fontes disponíveis. Essas fontes são as mais diversas possíveis, a saber: o registro arqueológico, documental, iconográfico e/ou o oral. Assim sendo, Cerdá (2008) afirma que:

[...] Cualquier escrito, resto o vestigio del pasado, lejano o próximo, es útil si aporta alguna información. No hay un tipo de datos seleccionables a priori, por lo que cualquier documento es una fuente potencial de información. Todo depende de las cuestiones o los problemas definidos por la investigación.... No hay un tipo de fuentes más importante que otro, ninguna tiene preeminencia sobre las demás. Las fuentes escritas no son subsidiarias de las demás [...] (p. 132).

Dessa forma realizamos primeiramente um levantamento analítico das fontes documentais e iconográficas portadoras de informações relevantes.

O levantamento de tais fontes foi realizado nas seguintes instituições: Arquivo Público do Estado de Sergipe, Arquivo Municipal de Aracaju, Arquivo do Judiciário de Sergipe, Biblioteca Pública Epifânio Dória, Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e no site da Biblioteca Nacional Digital e Arquivo Histórico do Exército. O nosso objetivo foi identificar na documentação analisada informações ou imagens alusivas à cultura material daquele espaço fabril.

Entendemos que a análise e utilização das fontes documentais são indispensáveis em

Arqueologia Industrial, uma vez que a finalidade da disciplina consiste essencialmente em produzir conhecimento histórico. No entanto é preciso ressaltar que os documentos escritos estão carregados de intencionalidades por parte de quem os escreveu.

Por outro lado a sua utilização possibilita a formulação de hipóteses que podem ser confirmadas, modificadas ou postas de lado à medida que a investigação avança (CERDÁ, 2008).

As fontes iconográficas por sua vez auxiliam no conhecimento de determinados bens ou espaços industriais desaparecidos ou muito modificados. Seu intuito é o de compreender através das condições visíveis na iconografia o espaço cotidiano fabril e a transformação da paisagem.

Nesse sentido, Zarankin & Senatore (1996) comentam que nas pesquisas históricas:

La información histórica cumple un papel muy específico dentro de este tipo de investigaciones. En primer lugar es revisada como parte de los antecedentes del tema a ser abordado. Esto permite conocer y definir el contexto histórico general en el cual se inserta el problema arqueológico. Sin embargo es fundamental dentro de este enfoque que la evidencia arqueológica se presenta como base empírica sobre la que se testean las hipótesis de trabajo. Por lo tanto, las escalas analíticas deben contemplar que los enunciados puedan ser abordados arqueológicamente (p. 4).

Assim, a análise das fontes textuais e iconográficas proporcionou primeiramente o conhecimento prévio do local pesquisado e, posteriormente, a formulação de algumas hipóteses sobre determinados elementos materiais que estavam circunscritos no contexto produtivo e social da fábrica.

2.2.2 As Fontes Orais

Em nossa investigação concretizamos também um levantamento de fontes orais, realizado com os moradores das ruas adjacentes a fábrica. Para a realização desse levantamento elaboramos primeiramente um formulário de entrevistas subdividido em quatro partes, a saber: Identificação do Entrevistado, Conhecimento do Bairro, Conhecimento sobre a Fábrica e a Opinião dos moradores sobre a demolição do estabelecimento (ver apêndice).

Para utilizarmos as informações provenientes da oralidade em nossa pesquisa adotamos como base as perspectivas de Orser (1992) e Cerdá (2008). O primeiro menciona em seu livro *Introdução a Arqueologia Histórica* que as informações orais podem complementar e suplementar informações arqueológicas e escritas, servir como documento primário, além de fornecer informações adicionais. Ressaltamos que o referido livro apesar de

duas décadas de lançamento possui informações preciosas para aqueles que se dedicam ao estudo do período histórico.

Cerdá (2008) por sua vez afirma que a informação oral é uma importante fonte de conhecimento histórico para a Arqueologia Industrial. Através dela podemos obter informações que não aparecem na materialidade e nos documentos; conseguir testemunhos pessoais sobre as condições de vida e trabalho das pessoas; novas relações sociais e de produção criadas a partir do emprego de novas tecnologias. Elas proporcionam também a realização de inferências sobre o desaparecimento de ofícios e as transformações paisagísticas.

Para tanto, o nosso principal objetivo foi obter informações sobre a localização da vila operária, além de localizar possíveis vestígios arqueológicos como, por exemplo, estruturas de instalações que perderam a função e com o passar dos tempos foram ruindo.

É importante mencionar que alguns entrevistados, principalmente o Sr. João de Vasconcelos direcionou a entrevista para uma conversa. Assim ele nos relatou fatos que não foram indagados, porém foram extremamente importantes para o desenvolvimento da nossa interpretação.

2.2.3 A Prospeção

Tendo em vista evidenciar principalmente estruturas de instalações pretéritas e identificar as edificações que faziam parte da antiga vila operária, efetivamos no entorno da fábrica uma prospecção sistemática de superfície. Este tipo de prospecção se caracteriza por percorrer a pé toda a zona de estudo, no nosso caso, acompanhamos o contorno do terreno e seguimos as irregularidades das ruas (DOMINGO *et al*, 2010). Conforme mostra a **prancha 2**.

Com a realização da prospecção foi possível identificar edificações que faziam parte da antiga vila operária, diferentes elementos arquitetônicos e construtivos nas fachadas da fábrica e estruturas que possivelmente são da antiga instalação portuária do estabelecimento. Todas as informações obtidas na análise das fontes documentais, iconográficas e orais foram contrastadas com registros arqueológicos evidenciados na prospecção. As discussões a respeito dos dados obtidos estão expressas no capítulo que se segue.

PRANCHA 2

CAPÍTULO 3. O BAIRRO, A FÁBRICA E AS EVIDÊNCIAS MATERIAIS

3.1. Massaranduba, Chica Chaves, Tecido, Siqueira de Menezes e Industrial

Neste tópico iremos historiar brevemente os modos de produção e as diferentes ocupações levadas a cabo na região que abrange o atual Bairro Industrial, desde a primeira metade do século XVIII até o período que a zona configurou-se como industrial. Esta historiografia é importante para que possamos compreender como se deu o processo de industrialização do bairro.

Dados históricos apontam que a faixa de terras da região aracajuana atualmente conhecida como Bairro Industrial pertenceu ao Capitão de Mar e Guerra Pedro Homem da Costa, e que em 1736 a posse das referidas terras foi transferida em alvará para Manuel Martins Chaves (SEBRÃO SOBRINHO, 2005; GRAÇA, 2005; PORTO, 2003).

No ano de 1855 a capital da província de Sergipe foi transferida de São Cristóvão para Aracaju. Nesse período, conforme podemos visualizar no mapa que ilustra a nova Capital, a região (do atual Bairro Industrial) tinha a denominação de Massaranduba (**prancha 3**, imagem 1).

A partir da segunda metade do século XIX a localidade ganhou uma nova denominação e passou a se chamar Chica Chaves, conforme podemos observar em anúncios de jornais da época (**prancha 3**, imagem 2). Alguns historiadores atribuem a denominação a uma possível senhora que possuía terras nas adjacências. No entanto, as informações sobre a sua existência são bastante imprecisas.

O historiador Sebrão Sobrinho comenta em seu livro *Laudas da História de Aracaju* que Chica Chaves era descendente do Sr. Manuel Martins Chaves, fato este que a tornou herdeira de suas terras. De acordo com o referido historiador, a senhora Chica Chaves teria fundado nas proximidades do Povoado Santo Antônio um engenho denominado Aracaju da Contiguiba, conhecido também como Engenho Velho.

Sobrinho (2005) explana também, que no início do século XIX, a posse do engenho foi transferida para os padres José Bernardinho da Silva Botelho e Antônio Chaves. Logo em seguida para João Cabeça Mole e, passando, por conseguinte, a professora Mariana Braga, que construiu um sítio e uma escola no local do antigo engenho.

PRANCHA3

A grande questão é que se os padres sucederam Chica Chaves na administração do engenho possivelmente a referida senhora teria vivido no século XVIII e não no XIX. Então por que a denominação Chica Chaves só apareceu na região a partir da segunda metade do século XIX? Chica Chaves realmente foi proprietária do Engenho? Este existiu?

O engenho provavelmente existiu, porém se tal fato ocorreu só poderia ter sido entre o século XVIII e início da segunda metade do século XIX. Isso por que o mapa da província de Sergipe confeccionado pelo engenheiro João Bloem em 1844, que ilustra todos os engenhos reconhecidos até aquela época, não faz alusão ao Engenho Velho. E os jornais da segunda metade do século XIX retratam o Engenho Velho como uma localidade situada nas proximidades do povoado Santo Antônio (**prancha 4**, imagens 1 e 2).

Contudo, cogitamos que o engenho tenha existido e após o seu declínio, no início da segunda metade do século XIX, o nome Engenho Velho passou a designar uma determinada região entre o povoado de Santo Antônio e o atual Bairro Industrial. Desse modo, a senhora Chica Chaves possivelmente não foi proprietária do estabelecimento e deve ter vivido em uma época posterior a proposta por Sebrão Sobrinho.

Neste sentido, Porto (2003) comenta que o juiz federal Francisco Nobre de Lacerda, a partir de 1917, escreveu em tons humorísticos algumas crônicas intituladas “O Diário de Chica Chaves” no Jornal do Povo de Aracaju. Embora sejam escritos imprecisos, ele considerou algumas informações sobre a personagem e procedeu com a sua pesquisa.

O referido autor, corroborando as ideias de Nobre de Lacerda, diz que Chica Chaves nasceu entre 1825 e 1826 em um arraial que existia entre o Engenho Velho e as Fontes do Mané Preto. Tempos depois a personagem foi morar com os seus pais em um sítio a beira rio localizado ao norte da cidade. Tal propriedade anos depois, foi residência de um Sr. chamado Ernesto Vieira. Porto (2003) possuidor de tais informações consultou o lançamento predial da cidade do ano de 1917 e averiguou que no final da antiga Av. Vitória (atual Av. General Calazans) havia um imóvel que pertencia aos herdeiros do Ernesto Vieira.

Resende (2005), em contrapartida, examinou no Arquivo Geral do Judiciário, um inventário de 1868 que faz referência a uma senhora chamada Francisca de Brito Chaves, proprietária de terrenos na cidade de Laranjeiras e Vila de Socorro, além de sítios localizados provavelmente na região do atual Bairro Industrial. Entre os bens inventariados estão listados: uma casa de taipa e uma plantação de coqueiros situados em um sítio designado

PRANCHA4

Massaranduba, tal propriedade foi avaliada em 700 mil réis, além de outro sítio adjunto ao primeiro avaliado em 150 mil réis, este era composto por viveiros de peixes escavados no chão que foram avaliados em 100 mil réis. O documento também menciona objetos que indicam a atividade pesqueira, tais como tarrafas e remos de peroba.

Assim, apesar da indefinição dos dados a personagem Chica Chaves possivelmente existiu e por algum motivo o seu nome foi atribuído àquela localidade. No entanto faz-se necessário realizar uma pesquisa minuciosa sobre as distintas ocupações que se sucederam na região do atual Bairro Industrial para que possamos compreender melhor como se processava as atividades econômicas e sociais.

No final do século XIX, após a instalação da Sergipe Industrial, o logradouro começou a ser chamado de “O Tecido”. Entretanto, foi somente nos primeiros anos do século XX que o novo nome ganhou mais veemência. Porto (2003) comenta que todas as localidades do bairro nessa época eram referenciadas pelo nome Tecido; assim, *“ia-se pra lá pelo aterro do Tecido, [...] passava-se á ponte do Tecido, chegava-se a feirinha ou ás festas do Tecido e, a praia ao norte da Fábrica Confiança, então arenosa e limpa, usada como local de veraneio era a Praia do Tecido”* [...] (p. 136).

Em 1913, no governo do General Siqueira de Menezes o bairro foi “oficialmente inaugurado” pelo nome de “Bairro Siqueira de Menezes”. O nome não vingou, e posteriormente com a sua “nova configuração” de zona Industrial – devido ao funcionamento das Fábricas de Tecidos Sergipe Industrial e Confiança,¹² bem como a construção das Vilas Operárias e a implantação da Companhia de Eletricidade da Cidade foi que o Bairro começou a ser chamado de Industrial (GRAÇA, 2005; PORTO, 2003).

É importante ressaltar que os diferentes nomes atribuídos ao Bairro Industrial revelam os diferentes modos de produção e as distintas fases de crescimento urbano do bairro e da cidade de Aracaju (GRAÇA, 2005). Desse modo podemos dizer que os topônimos são os “vestígios” das diferentes ocupações que se sucederam naquele local.

3.2. A Fábrica: Um Breve Histórico

Em maio de 1880 o presidente do estado de Sergipe Theophilo Fernandes dos Santos concedeu ao cidadão Eugênio José de Lima o privilégio exclusivo de trinta anos para fundar

¹² A Fábrica de Tecidos Confiança foi inaugurada em 1908 (BARRETO, 1938).

uma fábrica de tecidos de algodão na província. No mesmo ato administrativo o presidente revogou o privilégio que havia concedido aos cidadãos Manuel Antônio da Conceição Junior e Antônio Agostinho Guimarães em 1872.

Conforme consta nas cláusulas do Ato Oficial Nº 1141 publicado no Jornal de Sergipe em 1º de maio de 1880, durante quinze anos o empresário ficaria isento do imposto provincial de exportação. Além disso, nenhuma outra fábrica poderia ser fundada na região, exceto com a permissão do empresário e herdeiros. Apesar dos privilégios, o empresário era obrigado a montar a fábrica no prazo de quatro anos.

Subrinho (2000) comenta que, após a celebração do contrato, Eugênio José de Lima transferiu o privilégio que lhe foi concedido para a Firma Cruz & Cia, a qual tinha como fundador o Comendador João Rodrigues da Cruz. Desse modo, a fábrica foi fundada em 1882, através de uma Sociedade Comandita por ações que girava em torno da referida firma.

Contudo, as atividades só tiveram início no dia 20 de abril de 1884, conforme consta em anúncios de jornais da época. Em 1903, o Coronel Augusto Ferraz foi admitido como sócio da empresa que passara a ser chamada de Cruz Ferraz & Cia. Tal denominação permaneceu até 1927, ano de falecimento de Thales Ferraz, filho do coronel Augusto Ferraz e diretor da fábrica de 1906 a 1927 (LIMA, 1998). Assim, o estabelecimento voltou a utilizar a sua primeira denominação, Cruz & Cia.

Na década de 1890, com o regime republicano, o privilégio de exclusividade e isenção dos impostos de exportação foi revogado. Tal revogação não atingiu a viabilidade econômica do estabelecimento, pois o seu vínculo com a principal¹³ casa exportadora do Estado favoreceu a comercialização dos seus produtos, nesse caso, os sacos de açúcar (SUBRINHO, 2000).

Nos primeiros anos de atividade a fábrica empregou 170 operários e possuía 60 teares em movimento (IEL, 1986). No início do século XX ela funcionava com 156 teares além de possuir máquinas para engomar, dobrar, coser sacos, fazer cordão e novelos.

Os dados sobre o número de operários que trabalhavam na fábrica são bastante incipientes. Em algumas Mensagens dos Presidentes do Estado encontramos o quantitativo de

¹³ Segundo Subrinho (2000) na última década do século XIX, a Firma Cruz & Cia consolidou-se como Casa exportadora, devido à falência e o encerramento das atividades de Scherman & Cia que liderou o Comércio de Açúcar durante boa parte da segunda metade do mesmo século.

operários, nas primeiras décadas do século XX. E o que nos chama atenção é a quantidade de mulheres e crianças operárias, conforme mostra o quadro abaixo.

QUADRO 1- Nº DE OPERÁRIOS DA SERGIPE INDUSTRIAL.

ANO	HOMENS	MULHERES	MENINAS	MENINOS	TOTAL
1900	175	220	110	25	530
1916	122	572	?	?	694
1917	137	568	?	?	705
1921	233	1085	93	69	1480

Calazans (2013) comenta que na Sergipe Industrial as mulheres executavam as tarefas que exigiam mais “jeito” e menos força física. Assim, acreditamos que o número acentuado de operárias recrutadas foi em razão de que o trabalho na fábrica exigia atenção e cuidados minuciosos, características estas associadas às mulheres. Romão (2000) elucida que o elevado número de mulheres e crianças operárias se dava em razão dos baixos salários pago a esses trabalhadores.

O autor também comenta que *“a presença de menores nas fábricas têxteis de Sergipe tem sua aurora na, Sergipe Industrial, constando dos contratos feitos entre os governos e os empresários”* [...] (p. 47). Em 1884 o Presidente da Província Francisco Gouveia Cunha Barreto e os empresários da Sergipe Industrial firmaram um contrato no qual a fábrica era obrigada a aceitar até dez menores indicados pela presidência para trabalhar no estabelecimento, mediante salários estabelecidos e aprovados pelo governo (ROMÃO, 2000). Essa prática era vista pelos governantes como um favor prestado à população mais humilde da cidade que não dispunham de outra fonte de renda (Idem, Ibidem).

Em 1958 a fábrica foi adquirida por Augusto do Prado Franco, época em que foi transformada em sociedade anônima e passou a adotar a seguinte razão social: Sergipe Industrial S/A (CALAZANS, 2013). De acordo com informações da *Revista Industrial de Sergipe*, entre as décadas de 1960 e 1970 a empresa reequipou o seu parque fabril, adquiriu novas máquinas e ampliou os setores de produção (**prancha 6**, imagem 3) . A linha produtiva que era basicamente de rolos de tecidos e sacos de algodão também foi modificada e, passou a produzir fronhas e lençóis.

Ressaltamos que as informações sobre a fábrica e seus espaços, tanto os internos como os externos, são bastante limitadas. Em nossa pesquisa identificamos uma série de evidências materiais que estavam inseridas no contexto social e produtivo do estabelecimento que, por

consequente, se associam as formas e condições de vida dos operários. Tais evidências estão mapeadas na planta do edifício (**prancha 5**) e serão discutidas no decorrer deste capítulo.

3.3 As Evidências Materiais

3.3.1 Diferentes Elementos Arquitetônicos e Construtivos

A identificação de diferentes elementos arquitetônicos na fábrica teve início com a análise das fontes iconográficas, seguida pela realização da prospecção, identificação e registro de novos elementos, não só arquitetônicos, mas também de distintos materiais construtivos.

A partir da observação de imagens do estabelecimento nas primeiras décadas do século XX, notamos que a fachada de acesso principal ao edifício possuía características arquitetônicas peculiares do ecletismo. Tais como: simetria, frontão enfatizando a entrada de acesso principal, janelas com cercadura e a platibanda ornamentada com motivos geométricos.

Nas respectivas imagens podemos observar também, as marcas dos trilhos dos bondes que passavam em frente à fábrica (**prancha 6**, imagens 1 e 2). Eles percorriam toda a Avenida João Rodrigues, conforme podemos observar no mapa que mostra o seu itinerário pela cidade (**prancha 6**, imagem, 4).

É notório que a fachada principal da fábrica passou por modificações estruturais profundas. Conjecturamos que estas sejam o reflexo das transformações ocorridas nos espaços internos do edifício. Assim, as alterações na estrutura física possivelmente se deram em decorrência da substituição das máquinas, das fontes de energia, do transporte de carga, aumento da produção e número de operários, entre outros fatores.

Deste modo, entre os diversos compartimentos podemos notar a presença de diferentes elementos arquitetônicos. Os depósitos de algodão possuem características que remontam ao estilo Art' Déco¹⁴. A sua Fachada é ornamentada com faixas verticais em alto relevo que prosseguem e avançam a platibanda em arremates escalonados (**prancha 7**, imagem 1). É interessante notar que as portas dos referidos prédios eram voltadas para a Av. João Rodrigues sendo posteriormente fechadas além de outras mais largas terem sido abertas nos fundos do edifício (**prancha 7**, imagens 2 e 3).

¹⁴ Trata-se de uma tendência arquitetônica que se promulgou entre as décadas de 1930 e 1940 (CORREIA, 2008).

PRANCHA5

PRANCHA 6

PRANCHA 7

O galpão que fica ao lado da Igreja da fábrica também possui elementos arquitetônicos que testemunham as modificações sofridas na sua própria estrutura, e da fábrica como um todo. A fachada da sua edificação foi alterada para a introdução de um portão de alumínio. No entanto, a platibanda e as cornijas foram mantidas. Já a fachada voltada para o rio Sergipe possui contrafortes que podem ser estruturas alusivas a um muro pretérito (**prancha 8**, imagens 1 e 2).

Para além dos diferentes estilos arquitetônicos, identificamos nos lados da fábrica diferentes materiais construtivos que evidenciam as distintas intervenções realizadas na sua estrutura. No lado sul, o alicerce e parte da parede foram construídos com pedras e tijolos de barro, respectivamente. Já o muro da parede norte é constituído na parte inferior por tijolo de barro e na superior por blocos de cimento (**prancha 8**, imagens 3 e 4)

O alicerce de pedras existente na edificação até a contemporaneidade é um dos elementos característicos da época em que a primeira versão da edificação foi construída, e ao mesmo tempo nos faz refletir sobre os critérios que foram levados em consideração para que o pedido de tombamento do prédio tenha sido negado. Certamente se as fachadas tivessem a configuração arquitetônica original, as chances de demolição seriam praticamente nulas. Então ficam os seguintes questionamentos: somente a preservação das características arquitetônicas originais das suas fachadas teria valor patrimonial? Por quê?

3.3.2 Uma Instalação Portuária

Na planta¹⁵ hidrográfica da Barra do Porto de Aracaju de 1894 é possível visualizar uma estrutura do lado direito da fábrica (**prancha 9**, imagens 1 e 2). Tal instalação era um píer ou cais do próprio estabelecimento. Seguramente esse era o local de escoamento da produção e de desembarque da matéria-prima e outros produtos necessários para o funcionamento do estabelecimento.

Em uma pintura que mostra a vista panorâmica de Aracaju a partir do Morro do Urubu, na primeira metade do século XX, observamos a presença de embarcações nos arredores da fábrica (**prancha 9**, imagem 3). É importante ter em mente que, no final do século XIX e início do XX, Aracaju não dispunha de nenhum outro meio de transporte senão

¹⁵ Planta hidrográfica da Barra do Porto de Aracaju – Autores Capitão de Mar e Guerra Francisco Calheiros da Graça e 1º Tenente Ludgero Bento da Cunha Motta, com seta norte, escala 1:20000. Acesso em 28-09-2013> Disponível em > <http://sistemas.ahex.ensino.eb.br/sistarq/imagem.php?codigounion=mapo1994>

PRANCHA8

PRANCHA 9

o fluvial. Assim, a entrada e saída das pessoas, bem como o escoamento da produção e a entrada de matéria-prima, alimentos e outros gêneros, se davam unicamente pelo meio aquático.

Um dos entrevistados, o Sr. João Vasconcelos, lembrando a sua infância no bairro nos contou que: “[...] há muito tempo atrás a fábrica funcionava a vapor, e a lenha era trazida por saveiros que atracavam em uma estrutura de madeira que adentrava o rio a certa distância por causa da maré que ora estava alta ora estava baixa [...]”. Atualmente, no período de maré baixa, é possível visualizar algumas estruturas que coincidem com o local da ponte indicada pelo Sr. João Vasconcelos e a representação na planta de 1894 (**prancha 10**, imagens 1 e 2).

A partir de algumas fotografias pudemos observar que, em determinados períodos, a fábrica possuía uma entrada (principal) pela Av. João Rodrigues e outra voltada para o Rio Sergipe, onde estavam localizados os Escritórios do estabelecimento (**prancha 11**, imagem 1; **prancha 12**, imagens 1 e 2.). A localização estratégica dos escritórios permitia a constante fiscalização da saída e entrada dos produtos, uma vez que estas atividades eram realizadas pela via aquática.

Cogitamos a hipótese de que mesmo com a chegada da ferrovia, em 1914, o escoamento da produção e a entrada de matérias-primas na fábrica continuaram sendo realizadas pelo meio aquático. Este provavelmente só foi substituído após a década de 1970, pois, nesse período os donos do estabelecimento anunciavam a ampliação do empreendimento e conjecturavam instalar futuramente o seu próprio porto¹⁶.

Assim, acreditamos que o transporte de carga utilizado pela fábrica foi substituído entre as décadas de 1970 e 1980, quando o mesmo passou a ser realizado por veículos. Tal substituição, seguramente, modificou a estrutura do edifício. Ao observar a planta atual do estabelecimento notamos a presença de portões e ruas internas exclusivas para o acesso de veículos nos compartimentos que são ocupados principalmente pelos depósitos da fábrica.

Conjecturamos que com a substituição do transporte de carga não havia necessidade de manter a entrada de acesso pelo rio, visto que a única via que poderia ser percorrida pelos veículos era pela Av. João Rodrigues (lado da fachada principal do edifício), pois a ponte de concreto que liga a atual Av. General Calazans ao centro da cidade ainda não existia. Desse modo, a estrutura portuária perdeu sua função e aos poucos em seu lugar cresceu o mangue.

¹⁶ Informação In: Revista Industrial de Sergipe, 1970 - BPED.

PRANCHA10

PRANCHA11

PRANCHA12

Já os setores administrativos que funcionavam nos escritórios (que possuíam a entrada voltada para o Rio Sergipe) foram transferidos para o pavimento superior da fábrica, situados no lado oposto, na Av. João Rodrigues. Desse modo, o antigo edifício dos escritórios aparentemente foi transformado em depósito, pois a configuração do telhado é a mesma nas duas edificações, o que sugere a troca de função do prédio em razão da mudança do transporte de carga utilizado pela fábrica (**prancha 12**).

3.3.3 Onde Moravam os Operários?

O modelo arquitetônico Fábrica/Vila Operária presente em outras unidades fabris do país também foi adotado na Sergipe Industrial. A construção de casas nas imediações do estabelecimento, entre outros objetivos, favorecia a presença e pontualidade do operário no trabalho e permitia que o patrão tivesse controle sobre a vida dos seus trabalhadores fora do expediente (BOMFIM, 2007). Atualmente poucas edificações que faziam parte da antiga vila preservam elementos característicos da sua construção original.

A vila operária da Sergipe Industrial era composta por casas de distintas tipologias e tamanhos as quais provavelmente eram habitadas por “diferentes operários” - de acordo com o seu grau de especialização. A distinção entre as casas também indica que a vila não foi construída de uma só vez. Segundo Porto (2003), em 1903 o local do atual Bairro Industrial era conhecida como “*a rua onde Cruz & Cia tinha fábrica e treze casas de alugueis*” (p.136). Provavelmente essas casas se situavam entre a antiga Rua Caiça, onde também estava a igreja da fábrica e a atual Av. João Rodrigues. Já no final da década de 1930 a vila era composta por mais de quarenta casas (BARRETO, 1938).

A iconografia nos mostra que as casas da antiga Rua Caiça (possivelmente as primeiras unidades a serem construídas) eram geminadas e possuíam duas janelas e uma porta. Em uma fotografia aparentemente mais antiga as unidades apresentavam o telhado aparente; enquanto que em outra fotografia as unidades vizinhas à igreja aparecem acompanhadas de uma platibanda simples. Todas as casas que pertenciam a esta rua foram demolidas, restando nela somente a igreja e um galpão (**prancha 13**, imagens 1, 2, e 3).

As casas que se situavam na Av. João Rodrigues possuíam platibanda simples, uma porta e uma janela. Eram geminadas, mas individualizavam-se por meio de uma coluna em alto relevo, a qual dava ritmo as edificações. Tais unidades supostamente compunham as primeiras edificações da vila.

PRANCHA 13

A presença e a ausência de alguns elementos nas fachadas das unidades indicam que elas sofreram pequenas intervenções. Um dos indícios para tal afirmação é a presença de cobogós¹⁷ em três das quatro edificações. A presença destes denota a preocupação em ventilar melhor o ambiente interno das habitações. No entanto, outros detalhes, tais como as diferentes dimensões das portas e janelas também as distinguiam e as tornavam únicas. Estas casas foram demolidas recentemente (**prancha 14**, imagens 1 e 2).

A Travessa São Luiz era composta por um conjunto de casas simples que também eram geminadas. Entretanto, chama-nos atenção a existência de uma moradia mais ornamentada na esquina da travessa que foge da tipologia arquitetônica das demais. Tal situação também ocorreu na Vila Operária do núcleo fabril de Pedras em Alagoas onde as melhores casas de esquina eram destinadas aos operários “mais especializados”. Estes, por sua vez, eram incumbidos de observar o dia-a-dia e as relações estabelecidas entre os demais operários (BOMFIM, 2007). Assim, a vigilância e o controle constante mantinham a ordem nessas localidades. É bem provável que o mesmo acontecia na Travessa São Luiz. Igualmente, às edificações da antiga Rua Caiça e da Av. João Rodrigues, estas casas também foram demolidas (**prancha 15**, imagens 1 e 2).

As edificações da Rua São Luiz estão bastante modificadas. Ela é composta por unidades geminadas de telhado aparente, porém algumas unidades ainda preservam a platibanda. Novamente nos chama atenção a presença de uma casa bem ornamentada situada aproximadamente na metade da rua (**prancha 16**, imagens 1, 2 e 3).

A Rua Belém possui o maior número de casas ornamentadas e algumas unidades aparentemente preservam suas características originais (**prancha 17**, imagens 1, 2, 3 e 4). As edificações apresentam fachadas e platibandas mais elaboradas do que as das outras ruas. Devido a suas características elas eram possivelmente residências dos operários que possuíam maior grau de especialização.

No decorrer da nossa pesquisa sobre a antiga Vila Operária da Sergipe Industrial começamos a nos questionar se as habitações eram suficientes para abrigar todos operários. Ao observarmos o número de trabalhadores e o número de casas percebemos que a quantidade de residências era insuficiente. Então fica a pergunta: onde moravam os operários?

¹⁷ Cobogós são elementos vazados que dividem ambientes e permitem a circulação de ar e luz. O nome é derivado das iniciais dos sobrenomes dos seus idealizadores, a saber, Amadeu Oliveira Coimbra, August Boeckmann e Antônio de Góes. A sua origem é pernambucana. IN: www.cobogodepernambuco.com.

PRANCHA14

PRANCHA 15

PRANCHA 16

PRANCHA 17

Embora os dados históricos sejam limitados, cogitamos que as casas da vila eram reservadas para determinados operários. É provável que os trabalhadores que exerciam funções menos especializadas não morassem na vila e vivessem em péssimas condições. Um dos indícios para tal pensamento é a dimensão do espaço no qual a vila operária estava instalada. Eram apenas três ruas, uma travessa e algumas edificações situadas na Av. João Rodrigues. Seria espaço suficiente para acomodar moradias para mil e até dois mil trabalhadores?

Neste sentido conjecturamos que *a priori* a vila destinava-se aos mestres, contramestres e outros operários que dispunham de algum tipo de especialização. E, os ditos “sem especialização” moravam em locais insalubres e sem saneamento nas proximidades das vilas e outras regiões da cidade.

No depoimento de D. Antônia, uma ex-funcionária da Sergipe Industrial, entrevistada pelo pesquisador e professor Antônio Lindvaldo de Sousa podemos perceber claramente a distinção entre a moradia dos operários.

[...] Morava em casa de palha. Essa casa daqui caiu. Era de vara. Naquele tempo aqui tinha aqueles invernos fortes, a chuva vinha e derrubava tudo. O povo passava pela frente da casa e eu via pelas varas, [...] era uma miudeza e só Deus tinha pena. Quem se mudou daqui e veio passear e agora diz: “Ave Maria, aqui está uma cidade de burguês” (D. ANTÔNIA *apud* SOUSA, 2009, p.193).

Em outra fala D. Antônia comenta sobre a moradia do operário mestre:

[...] Eles mandaram buscar um mestre teco (ela quis dizer técnico) para acertar as máquinas automáticas que os daqui não sabiam. Quando o mestre chegou, um alemão, eles tinham uma casa separada para o mesmo [...] (D. ANTÔNIA *apud* SOUSA, 2009, p. 194).

O romance¹⁸ “*Os corumbas*” escrito por Amando Fontes e publicado no ano de 1933, também expressa às péssimas condições de vida e moradia dos operários que não residiam na vila operária, conforme podemos observar no trecho que se segue:

Sá Josefa (era assim que a tratava todo o bairro), posto já estivesse acordada, deixara-se ficar sobre as tábuas duras da cama, toda encolhida de frio, debaixo da sua desdobrada miserável coberta de retalhos.
Tão logo se achou vestida, apanhou do chão o candeeiro e foi até a sala da frente para acordar o filho, que dormia numa esteira da tábua, estendida sobre o chão. Mas não teve necessidade de chamá-lo. Vendo-a entrar, Pedro ergueu-se e falou:

¹⁸ Os *Corumbas* é um romance que narra a história de uma família de retirantes do interior do estado de Sergipe em busca de uma vida melhor na Capital do estado, Aracaju. E, esta vida melhor estava amplamente associada ao trabalho nas fábricas de tecidos da cidade. A família era composta por 7 membros, a saber: Sá Josefa (Mãe), Geraldo (Pai), Rosenda, Albertina, Bela, e Caçulinha (filhas) e Pedro (filho). No entanto, com o passar dos tempos todas as aspirações da família aos poucos foram sufocadas pelas péssimas condições de vida e trabalho que levavam os operários naqueles tempos.

Já estou acordado, Mãe. [...] A velha fez-lhe ainda umas perguntas: "se iria mesmo para o serviço; se o largara a febre que desde três dias o minava". Em seguida, atravessou o corredor apertado, a sala de jantar (onde, numa cama de ferro estreitíssima, dormiam as duas filhas menores), e entrou no apertado cubículo a que chamavam a 'cozinha'.

Três grandes pedras brutas serviam-lhes de fogão. Pôs alguns cavacos entre elas. Feito o fogo, colocou em cima a velha chaleira que usavam desde o engenho, e onde iria ferver a água para o café.

Nalgumas tábuas estendidas sobre quatro caixões de querosene, dormia Albertina, a segunda filha do casal [...]. A um canto, numa redezinha "trançada", de fios brancos e vermelhos, Rosenda ressonava, a dormir profundamente. Era a mais velha de todas (FONTES, 1999, p. 13, 14 e 15).

Em outro trecho do romance o autor discorre sobre as dificuldades enfrentadas pelos operários para chegar ao trabalho¹⁹.

Madrugada... Tudo escuro ainda. Bandos e bandos de raparigas, falando alto, desciam a Estrada Nova. De recantos e vielas que ali desembocavam, de momento a momento surgiam vultos apressados. Todo o bairro de Santo Antônio parecia levantado a correr para o trabalho. Dos arrebaldes davam grandes levas. Do Anipum, do Aribé, do Saco, de mais longe vinham operárias. A parte sul da cidade, para os lados do Carro Quebrado e Fundição, forneciam numerosos contingentes. [...] Eram mulheres, na sua maioria. [...] Algumas, embrulhavam-se nos xales; aquelas cobriam-se com o avental esburacado. Outras se apadrinhavam sob um velho guarda-chuva. As que não dispunham do mais leve agasalho, vinham molhadas, e tremiam, com frio. [...] O vento fustigava-lhes o rosto: a chuva fria arrepia-lhes a epiderme. No entretanto, marchavam, marchavam sem parar... Iam em busca do pão. Um negro pão, que, a troco de trabalho, lhes forneciam as Fábricas de Tecidos (Idem, Ibidem p.18).

Embora os trechos citados acima sejam de um romance, certamente situações semelhantes a estas eram corriqueiras aos operários que trabalhavam na Sergipe Industrial. Basta observar atentamente o depoimento de D. Antônia e veremos que as condições de moradia descritas por ela são similares às narradas no romance de Amando Fontes.

Diante do que já foi dito, torna-se evidente que as fábricas de tecidos possuíam um grande poder de regular a vida da cidade de seus habitantes, pois era o trabalho, nos seus diversos setores, o sustentáculo da população mais carente da cidade. Todos os dias os operários (que não residiam nas vilas) iam e ao anoitecer regressavam para as suas humildes casas; cansados percorriam caminhos difíceis, assim como a vida que levavam. A cidade movimentava-se de norte a sul para fazer funcionar os teares, caldeiras e demais setores das indústrias de tecidos (**prancha 18**).

Neste sentido, podemos concluir que, quanto mais especializado era o operário da

¹⁹ Calazans (2013) e Sousa (2009) referenciaram parte deste trecho em seus trabalhos. No entanto, o nosso objetivo não é somente ilustrar as dificuldades de chegar ao trabalho, mas também mostrar o poder que as fábricas possuíam em relação à cidade e seus habitantes.

PRANCHA 18

Sergipe Industrial, melhor a sua moradia. Seguindo essa lógica, o chalé²⁰ destinava-se ao gerente ou ao diretor; as casas mais ornamentadas para os mestres, contramestres e assim por diante (**prancha 19**, imagem 1).

A vila operária da Sergipe Industrial era acima de tudo uma extensão da própria fábrica. A hierarquia e o controle existente nos espaços internos do estabelecimento ultrapassavam muros, portas, janelas e se materializavam nas diferentes ornamentações das fachadas, platibandas e dimensões das casas. Essa hierarquização dos espaços de trabalho com os de moradia ultrapassava as fronteiras da fábrica e da vila e materializavam-se em habitações de barro e telhado de palha que se alastravam pelos diversos recantos do bairro e da cidade (**prancha 19**, imagem 2).

3.3.4 A Igreja, a Escola e o Parque Sergipe Industrial

Além da vila, a fábrica agregava em seu entorno uma igreja, uma escola e um parque destinado ao “lazer” dos operários. A igreja seguramente foi construída no século XIX, pois, no ano de 1900, o presidente do estado, em mensagem enviada à assembleia legislativa, referindo-se a Fábrica Sergipe Industrial comentou sobre as suas edificações, dentre as quais ele menciona a igreja. Já na década de 1920, o edifício foi mencionado em uma reportagem do jornal baiano A Manhã. Na reportagem ela é caracterizada como:

[...] uma peça elegante, altares bem talhado, obra dos operários technicos da casa. Todo o assoalho é atapetado. E o seu orago S. João, piedosa homenagem do sr. A. César Ferraz á memória venerada ao nome do seu amigo e sócio, o commandante João Rodrigues da Cruz (A Manhã, 1920).

A edificação localiza-se na antiga Rua do Caiça e até o momento em que realizamos as entrevistas, as missas ainda estavam sendo celebradas nas suas dependências, geralmente no domingo pela manhã. É interessante notar que, apesar da fábrica ter sido desativada, a igreja continua com sua função, como se fosse há um século (**prancha 20**, imagem 1).

O Parque Sergipe Industrial foi construído entre a primeira e a segunda década do século XX, na administração de Thales Ferraz. Ele era constituído por um campo de futebol, cinema, teatro, bar, quadras de vôlei, esportes femininos, armazéns, biblioteca e banda de

²⁰ Na mensagem enviada a Assembleia Legislativa no ano de 1900, o Presidente do Estado Monsenhor Olímpio Campos comentou que a Fábrica Sergipe Industrial possuía ao lado um elegante *chalet*, onde residia o gerente. No Jornal A Manhã de 1º de dezembro de 1920, há uma reportagem sobre a fábrica e suas dependências e, o *chalet* é referenciado como moradia do então diretor, Thales Ferraz.

PRANCHA19

música, que era formada por moças. Segundo Porto (2003) o cinema era ao ar livre sob as árvores que formavam um pequeno bosque anexo à fábrica. As sessões se davam em dias e horários que não interferissem no dia-a-dia fabril.

As informações sobre a localização dos espaços que constituíam o parque são bastante limitadas. Cogitamos que eles localizavam-se nas imediações da antiga Rua Caiça (prancha **20**, imagem 2) e posteriormente foram transformados em outras dependências, entre estas: o refeitório. Um dos indícios para tal conjectura foi à localização de uma planta²¹ no Arquivo Público de Aracaju da década de 1950 - referente à construção de um refeitório no edifício. Outro indício é que o parque foi desativado ainda no final da década de 1950 (BARRETO, 2008).

O Grupo Escolar Augusto Ferraz (atual Escola Estadual Augusto Ferraz) foi inaugurado em 1925. O terreno no qual ele está situado pertencia à fábrica e foi doado²² pelo então diretor do estabelecimento, Thales Ferraz. O nome é uma solicitação de Thales ao governador do estado para que o seu pai se tornasse patrono do colégio.

A escola não era destinada somente aos filhos dos operários, mas também para os próprios operários, tanto da Sergipe Industrial como da fábrica Confiança. Ela oferecia cursos noturnos para que eles pudessem se especializar, dentre os quais podemos citar o de desenho industrial²³, que era destinado aos contramestres.

Recentemente a escola passou por uma reforma e alguns elementos da fachada original, tais como os detalhes da platibanda e as pequenas janelas que ficavam situadas na parte inferior do edifício desapareceram (**prancha 20**, imagens 3 e 4). Apesar destas modificações a edificação preserva elementos arquitetônicos característicos da época em que foi construído. Um desses elementos é a escultura de uma águia que ornamenta a platibanda.

Segundo Correia (2011) entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX, o ecletismo foi bastante expressivo nos núcleos fabris, sobretudo, nos prédios de uso coletivo como igrejas, escolas e bibliotecas. A autora observa a presença de elementos característicos destes tipos de prédios, entre eles a escultura da águia que também se faz presente na fachada da biblioteca da Fábrica de Tecidos Santa Cruz, localizada na cidade de Estância também no estado de Sergipe.

²¹ Embora não a tenha consultado, pois a mesma desapareceu após ter sido emprestada para uma exposição.

²² Informação disponível em: <http://www.seed.se.gov.br/portaldosaluno/noticia.asp?cdnoticia=6977>

²³ Informação: In: Jornal O Paiz, BND -1925.

PRANCHA 20

Berger (2002), por sua vez comenta que a águia é o símbolo do governo de Maurício Graccho Cardoso. Ela representa a visão prospectiva de modernização do então governador que tinha a pretensão de tornar Sergipe um estado “moderno”. Desse modo, outras edificações construídas durante a sua gestão trazem consigo este elemento simbólico, dentre estas se destacam: o Hospital Cirurgia, o Atheneu Pedro II atual Museu da Gente Sergipana ambos em Aracaju; além de outros grupos escolares que foram edificadas nas cidades do interior do estado.

Neste sentido, corroboramos com os pressupostos de Escolano (1998, citado em Zarankin, 2001) a respeito da arquitetura escolar. De acordo com o referido autor ela é:

Por si mesma um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e vigilância marcos para a aprendizagem sensorial e motora e toda uma semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e também ideológicos.

Desse modo, no caso específico da águia que ornamenta a fachada do antigo Grupo Escolar Augusto Ferraz e outras edificações espalhadas pela cidade de Aracaju, há nitidamente a ideologia política do governante.

3.3.5 Sergipe Industrial X Confiança: Discutindo Alguns Aspectos das suas Fachadas

Durante a realização da nossa pesquisa diversas vezes nos deparamos com publicações que confundem a imagem da Sergipe Industrial com a da fábrica Confiança e vice-versa. A partir da consulta de alguns documentos e jornais que mostram imagens dos estabelecimentos nos propomos a discutir as diferenças entre elas.

Entre as décadas de 1920 e 1930 as fábricas possuíam uma configuração (da fachada principal) muito parecida. As diferenças entre ambas são mínimas e se atém a pequenos detalhes como as janelas e os frontões. As janelas da Sergipe Industrial possuíam cercadura e eram retangulares; as da Confiança também possuem cercadura; no entanto, somente três janelas eram retangulares, as demais eram em arco pleno.

Na Sergipe Industrial, a porta de acesso principal ao estabelecimento era enfatizada pela presença de um frontão que ficava acima da platibanda (**prancha 21**, imagem 1). Já na fábrica Confiança o frontão com formas triangulares ornamentava a platibanda de acesso principal ao edifício (**prancha 21**, imagem 2). As formas triangulares da antiga fábrica Confiança ainda permanecem na edificação, atualmente denominada Santa Mônica (**prancha 21**, imagens 3 e 4).

PRANCHA21

As diferenças entre as fachadas das fábricas transpuseram os elementos arquitetônicos e estabeleceram-se em forma de disputa nos campos de futebol, a partir da criação dos times operários: Sergipe e Confiança. As disputas no futebol continuam, no entanto, os times não são formados por operários como antigamente. E a fachada industrial do bairro aos poucos esta desaparecendo assim como os elementos arquitetônicos que ornamentavam as fachadas das fábricas de tecidos e casas que pertenciam as antigas vilas operárias.

Contudo, e tendo em vista a ampla possibilidade de desaparecimento da materialidade que ainda persiste no bairro e que estão associadas a sua conformação como zona industrial e a da cidade como “moderna”, faz-se necessário realizar um estudo que permita registrar as transformações advindas no bairro a partir da instalação dos estabelecimentos fabris.

3.3.6 Considerações

Diante do que apresentamos nos tópicos que compõem este capítulo, torna-se evidente que a Fábrica Sergipe Industrial foi um elemento que modificou a dinâmica do bairro e da cidade. O seu estabelecimento originou relações sociais e de produção que podem ser percebidas nas expressões materiais identificadas. Estas, por sua vez, estão intimamente ligadas aos distintos contextos econômicos e sociais que se expressaram na sociedade (industrial-capitalista) desde o final do século XIX até os dias de hoje. E, constituem “camadas arqueológicas” que podem ser “escavadas” e principalmente interpretadas.

CAPÍTULO 4. POTENCIALIDADES DA ARQUEOLOGIA INDUSTRIAL EM SERGIPE

4.1 Potencialidades de Pesquisa

Iniciaremos este capítulo apontando as potencialidades de futuras pesquisas envoltas nos pressupostos teóricos metodológicos da Arqueologia Industrial. Esta breve introdução faz-se necessária tendo em vista que a investigação realizada não tem um caráter conclusivo, e sim, inicial. Desse modo, a partir dos resultados obtidos com a análise das evidências materiais identificadas no entorno e adjacências da fábrica Sergipe Industrial, apresentaremos novas perspectivas de estudo que envolvem o estabelecimento e o bairro.

Conforme comentamos na introdução desta monografia, no princípio tínhamos a pretensão de realizar uma análise dos espaços de trabalhos da fábrica e suas transformações ao longo de mais de um século de funcionamento. Entretanto, não foi possível realizar tal abordagem, pois não conseguimos obter dados necessários para efetuar a “leitura” dos espaços internos. Assim, fixamos a nossa atenção nas evidências contidas nos espaços externos. Por outro lado, a análise de tais evidências produziu informações que podem contribuir para a efetivação de análises futuras.

Acreditamos ainda que com a demolição da fábrica pode ser que documentos antigos inclusive plantas pretéritas do edifício possam ser disponibilizados para pesquisa. Se isto acontecer à análise arqueológica dos espaços internos do estabelecimento finalmente poderá ser concretizada. A realização de um estudo dessa natureza aponta para a necessidade de ações interdisciplinares, especificamente entre a Arqueologia da Arquitetura e a Arqueologia Industrial. No caso específico, a primeira fornece metodologias para subsidiar a análise arquitetônica e, a segunda, subsidia a interpretação dos processos históricos subjacentes à materialidade representada.

A leitura arqueológica de um edifício pode ser realizada a partir da análise das suas diferentes unidades estratigráficas. A obtenção destas unidades leva em consideração o emprego das leis de superposição, horizontalidade, continuidade e sucessão estratigráfica formulada por Harris. Contudo, a interpretação das unidades deve ser realizada mediante a observação das relações físicas estabelecidas entre si (CERDÁ, 2008).

A aplicação das relações físicas nas unidades estratigráficas em estruturas arquitetônicas foi desenvolvida por Robert Parent e denomina-se estratigrafia muraria. A

estratigrafia muraria é uma metodologia bastante empregada nas pesquisas da Arqueologia da Arquitetura, principalmente em imóveis que podem passar pelo processo de restauração (CERDÁ & BONAFÉ, 1955; CERDÁ, 2008).

Para além desse tipo de leitura arqueológica baseada na estratificação dos elementos construtivos, nos últimos anos, sobretudo, nos países Anglo-Saxão e Latino-Americanos, emergiram investigações focadas na espacialidade dos edifícios.

A análise espacial em Arqueologia da Arquitetura configura-se como uma via de estudo e interpretação de aspectos sociais e ideológicos inseridos no desenho do edifício e distribuição dos espaços arquitetônicos (TIRADO, 2009).

Dentre os pesquisadores latino-americanos que seguem essa linha destacamos os trabalhos do arqueólogo argentino Andrés Zarankin. Em suas pesquisas ele parte do princípio de que os edifícios podem ser “lidos”, pois, são formas de comunicação não verbal. Nesse sentido destacamos o seu trabalho sobre a Arquitetura Escolar Capitalista de Buenos Aires. Nessa pesquisa ele analisou a relação existente entre as mudanças sociais ocorridas no processo histórico de conformação do capitalismo e as alterações levadas a cabo nos prédios escolares desde meados do século XIX até o final do século XX (ZARANKIN, 2001).

Em uma pesquisa anterior ele analisou as habitações de classe média da cidade de Buenos Aires, do século XVII até a atualidade, no intuito de estabelecer conexões entre as mudanças morfológico-espaciais sucedidas nos edifícios e o desenvolvimento do sistema capitalista (Idem, 1999). E recentemente realizou uma análise sobre as mudanças acontecidas na estrutura arquitetônica e organização espacial dos bairros da cidade de Buenos Aires nos últimos 150 anos (Idem, 2008).

A metodologia adotada pelo autor foi a “leitura” de diferentes plantas dos edifícios em análise. Para realizar a leitura das plantas ele utilizou o modelo de análise espacial (Gamma) proposto por Hillier e Hanson. Tal modelo permite a constituição de uma base de dados que auxilia discutir e interpretar a configuração dos edifícios e estruturas arquitetônicas (Idem, 2001). Assim, por meio de uma análise de variáveis como forma, função e organização espacial podemos obter um panorama sobre os mecanismos de controle e de poder presente nos imóveis analisados (Idem, Ibidem).

No entanto, para ler a planta é necessário observar as relações sintáticas e de profundidade existente entre os espaços, tais como, simetria/assimetria e distributiva/não

distributiva (ZARANKIN, 2001; SÁNCHEZ, 1998). As relações sintáticas simétricas caracterizam-se pela independência interespacial; já as assimétricas, pelo controle de um espaço sobre o outro (SÁNCHEZ, 1998). As relações distributivas e não distributivas caracterizam-se respectivamente pelos espaços cuja circulação de entrada e saída pode ser realizada por mais de uma via e espaços que possuem somente uma via de entrada e saída (ZARANKIN, 2001).

A decomposição dos nodos²⁴ da planta gera um esquema que possibilita realizar comparações entre diferentes prédios e/ou o mesmo em períodos distintos. Assim, a partir dessas observações representamos cada espaço da planta por um círculo, os espaços que se interconectam e possuem o mesmo valor de profundidade ficam unidos por uma linha horizontal (**prancha 22**, imagem1) (ZARANKIN, 2001; SÁNCHEZ, 1998).

Desse modo, o objetivo em realizar uma análise dos espaços da Fábrica Sergipe Industrial seria estabelecer vinculações entre as alterações na estrutura arquitetônica do edifício com as formas de controle, hierarquização dos espaços, mudanças tecnológicas e sociais, advindas no estabelecimento e nos espaços de trabalho desde a sua implantação até o período de fechamento.

Com a realização da análise dos espaços externos da fábrica Sergipe Industrial, percebemos que as vias de acesso a determinados setores do estabelecimento foram modificados com o passar do tempo. Desse modo, acreditamos ser possível a realização de uma análise de acesso, no intuito de relacionar tais modificações com o controle espacial e, por conseguinte dos trabalhadores e as mudanças tecnológicas advindas na fábrica.

O bairro também apresenta potencial para pesquisas vindouras. A instalação da Sergipe Industrial no final do século XIX e da Confiança no início do XX transformou a paisagem e a dinâmica do bairro e da cidade. Desse modo, a realização de um estudo sobre as mudanças paisagísticas e processo de urbanização sucedidos no bairro a partir da implantação das fábricas de tecidos também se configura como uma possibilidade futura de pesquisa.

4.2 Tecendo Perspectivas

Entre o final do século XIX e meados do XX foram implantadas 11 fábricas têxteis no Estado de Sergipe. Algumas continuam em atividade até os dias de hoje, outras foram desativadas, ou como é o caso da Sergipe Industrial sofreu demolição de toda a sua estrutura.

²⁴ São os espaços físicos circunscritos, delimitados em um edifício (ZARANKIN, 2001).

Tais empreendimentos modificaram a paisagem, as dinâmicas urbanas, e em alguns casos, ajudaram no processo de urbanização das cidades onde foram instaladas, formando novos bairros.

Conforme mencionamos no capítulo anterior, a primeira fábrica implantada no estado foi a Sergipe Industrial, instalada no atual Bairro Industrial em Aracaju, no ano de 1884. Em nossa pesquisa identificamos no seu entorno algumas evidências materiais que nos proporcionou discutir e inferir principalmente sobre os meios de transporte utilizados pelo estabelecimento, as condições de moradia dos operários entre outros aspectos.

No ano de 1896 foi inaugurada na cidade de Estância a segunda indústria do ramo. Instalada na margem direita do rio Piauí, a fábrica Santa Cruz manteve suas atividades industriais até a década de 1950 (BOMFIM, 2007). Desde 1958 ela abriga em suas dependências a sede da Companhia de Eletricidade denominada SULGIPE (**prancha 22**, imagens 2 e 3).

A vila operária da fábrica é uma das mais preservadas entre as que existem no estado. Segundo Bomfim (2007), no início do século XX o abastecimento de água e as instalações sanitárias na vila eram comunitários. Somente a partir da década de 1940 as residências passaram a dispor de instalações hidráulicas e banheiros individuais.

Na cidade de Vila Nova, atual Neopolis foram instaladas duas fábricas de tecidos no ano de 1906, a Empresa Têxtil de Fios e Tecidos e a Peixoto Gonçalves & Cia, conhecida como Fábrica Passagem. A primeira foi instalada na sede do município e a segunda em um povoado de nome Passagem, situado as margens do Rio São Francisco e continua em atividade até os dias de hoje.

O complexo fabril da Fábrica Passagem é formado pela vila operária, igreja, cinema, campo de futebol, escola, entre outros espaços (**prancha 22**, imagens 4; **prancha 23**, imagem 1). Durante as primeiras décadas de atividade a quantidade de casas da vila não era suficiente para abrigar todos os operários - que era em grande número moradores da cidade de Penedo, no estado de Alagoas. Como não havia um sistema de transporte estabelecido entre as regiões, à fábrica forneceu canoas²⁵ para transportá-los. Ela possuía também outras embarcações que provavelmente fazia o transporte das matérias-primas e escoamento da produção (**prancha 23**, imagem 2). Uma evidência marco das atividades processadas entre o ambiente terrestre e

²⁵ Informação: In: Revista Sergipe Judiciário, vol. III, ano 1929.

PRANCHA 22

o aquático é o píer do estabelecimento (**prancha 23**, imagens 3 e 4).

Em Aracaju e também no Bairro Industrial, teve início em 1908 as atividades da fábrica Confiança. Atualmente, parte da sua estrutura foi desativa e adaptada para o funcionamento de uma empresa de telemarketing e a outra continua exercendo a sua função secular. As casas da antiga vila operária foram remodeladas ou destruídas para a construção de condomínios residenciais.

Em 1913 foram inaugurados dois novos empreendimentos do setor têxtil no estado. A Fábrica de Senhor do Bomfim localizada na cidade de Estância e a Empresa Industrial de Propriá na cidade de mesmo nome. O primeiro estabelecimento foi instalado nas proximidades do rio Piauitinga e continua em atividade (**prancha 24**, imagem 1). O segundo situava-se às margens do rio São Francisco e encerrou suas atividades na década de 1950 (**prancha 24**, imagem 2).

Na cidade de São Cristóvão a primeira fábrica inaugurada foi a Empresa Industrial de São Cristovam em 1914. A sua proximidade com o rio Paramopama facilitava a entrada das matérias-primas e o escoamento da produção que era realizado por pequenas embarcações (SILVA, 2002). Atualmente os galpões da fábrica abrigam um mercado de artesanato (**prancha 24**, imagens 3 e 4). A segunda foi a São Gonçalo que passou a funcionar a partir de 1945.

A fábrica de Tecidos da Cidade de Riachuelo teve as suas atividades iniciadas em 1926. Ela funcionava anexa ao Engenho Central de Riachuelo e a partir da década de 1970 foi transformada em uma filial da Sergipe Industrial (ALVES, 2010). Ela encontra-se ativa e também foi alojada próxima a curso d'água (**prancha 25** imagem 1; **prancha 26** imagem 1).

No final da década de 1920 foi inaugurada na cidade de Maruim a Fábrica Sergipe Fabril. Instalada nas proximidades do rio Ganhamoroba, a empresa continua desenvolvendo suas atividades no setor têxtil (**prancha 27**, imagens 1 e 2).

A materialidade presente no interior e zonas adjacentes destes estabelecimentos, até mesmo os que continuam ativos possuem significativas informações para o desenvolvimento de estudos arqueológicos industriais. Nesse sentido, qual a relevância deste tipo de investigações? Através de quais perspectivas podemos estudá-los?

PRANCHA 23

PRANCHA 24

PRANCHA 25

PRANCHA 26

PRANCHA 27

As pesquisas arqueológicas voltadas para a análise da cultura material proveniente da industrialização são de fundamental importância, através delas produzimos conhecimentos históricos sobre os modos de vida, trabalho, produção entre outros aspectos, de uma determinada sociedade industrial capitalista.

Neste sentido, o objetivo das investigações em Arqueologia Industrial deve ser o estudo das sociedades industriais capitalistas através da análise arqueológica das suas expressões materiais. Assim faz-se necessário estudar todas as evidências materiais, não somente o edifício fabril, mas também as máquinas, os meios de transporte e vias de comunicação, as moradias dos operários, os lugares criados para o lazer e sociabilidade dos trabalhadores, as transformações acometidas na paisagem, enfim todos os testemunhos que os seres humanos deixaram como resultado do seu trabalho, suas relações sociais, meios e modos de vida (Cerdá 2008).

No decorrer da sua trajetória a Arqueologia Industrial desenvolveu perspectivas diferentes de análise dos bens industriais. Acreditamos que algumas delas podem ser aplicadas tanto ao estudo das fábricas têxteis referenciadas, como também para outros tipos de indústrias, espaços e objetos materiais vinculados ao contexto da industrialização de uma determinada região.

Dentre as possibilidades de estudo que podem ser realizadas, destacamos a importância da realização de inventários. Os primeiros passos da disciplina trilharam esse caminho, esta postura é extremamente válida, principalmente nos casos em que os edifícios industriais e suas áreas adjacências vão ser destruídos, seja pela impossibilidade de mantê-los e conservá-los ou pelas ações da especulação imobiliária (PARTEARROYO, 2007).

Segundo Partearroyo (2007) o primeiro passo é estabelecer os locais ou bens a serem inventariados, em seguida se prossegue com os trabalhos de campo. Estes se caracterizam pela busca de informações provenientes das fontes documentais, iconográficas e orais. Os procedimentos de campo devem contar ainda com a realização de prospecções nas regiões onde estão localizados os bens a serem inventariados, além de levantamento fotográfico, planimétrico, descrição e medições das construções ou outro tipo de evidência material inserida no mesmo contexto.

Ressaltamos que o inventário documenta a materialidade que pode desaparecer devido a uma série de questões, no entanto, ele não substitui outros tipos de estudos ou até mesmo a

preservação do Patrimônio Industrial. No caso específico das indústrias têxteis de Sergipe pode ser concretizado um inventário geral ou particular desses estabelecimentos, principalmente dos que estão desativados e ruindo a cada dia.

Outra perspectiva bastante interessante é o estudo das paisagens industriais. Marilyn Palmer (1991) citada em Cerdá (2008) propõe que os estudos arqueológicos das paisagens industriais sejam realizados mediante a análise de cinco elementos, a saber:

1. As fontes de matéria prima: como as indústrias obtinham a matéria-prima para a sua produção e como esta atividade modificou a paisagem,
2. As instalações de elaboração: quais indústrias foram criadas para auxiliar as necessidades primárias das indústrias maiores,
3. As fontes de energia: quais as fontes de energia utilizadas e como elas modificaram a paisagem,
4. Os serviços: de quais regiões procediam os operários, quais habitações, instalações sanitárias, centros religiosos e de lazer foram construídos para eles,
5. Os transportes: como a matéria prima, os combustíveis e os produtos eram transportados? Como a rede de transporte se desenvolveu? Como foram aproveitados os caminhos já existentes? Quais e porque se fizeram outros?

A efetivação de uma análise baseada na apreciação dos elementos propostos por Marilyn Palmer possibilita inferir principalmente, sobre as transformações paisagísticas acometidas no decorrer dos tempos, bem como os fatores que contribuíram para a urbanização de determinadas regiões.

Destacamos também a importância de trabalhos em Arqueologia Industrial voltados para o estudo das condições de vida e trabalho dos operários. Segundo Parterroyo (2007) os estudos que seguem esta perspectiva buscam entender as relações de classe, integrar os trabalhadores aos estudos arqueológicos ou simplesmente entender o funcionamento dos espaços de trabalho. Um estudo arqueológico dessa natureza foi realizado pelo arqueólogo McGUIRE (1999) e outros arqueólogos norte-americanos, nos acampamentos das minas de carvão situadas no estado do Colorado, nos Estados Unidos.

É interessante notar que grande parte das indústrias citadas neste capítulo está na interface do meio terrestre com o aquático. Esta interconexão também deve ser levada em consideração no processo investigativo, pois, a utilização dos ambientes aquáticos como via

de acesso a estes estabelecimentos, foi de fundamental importância para o seu desenvolvimento e funcionamento. Através do meio aquático e das embarcações chegava às fábricas, a matéria-prima para a fabricação dos tecidos, a lenha para fazer funcionar as caldeiras, era embarcada a produção para chegar ao consumidor e em alguns casos era respectivamente, a via e os meios de transporte utilizados pelos operários para chegar ao trabalho e executar suas tarefas.

Desse modo, surge à importância de estudos interdisciplinares, nesses casos específicos, entre a Arqueologia Industrial e a Arqueologia Subaquática e Marítima, pois as atividades rotineiras que se processavam nas áreas que ligavam o meio aquático ao terrestre e vice-versa, certamente deixaram evidências nos dois ambientes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta monografia buscamos inicialmente historiar o surgimento e o desenvolvimento da Arqueologia Industrial, a fim de delimitar e contextualizar as nossas ações com base nos objetos e objetivos da pesquisa estabelecidos.

A análise da materialidade contida no edifício e adjacências da Fábrica Sergipe Industrial possibilitou a realização de inferências sobre as conjecturas inicialmente instituídas.

Os diferentes elementos arquitetônicos e construtivos presentes nas fachadas da unidade fabril refletem as diversas intervenções que o estabelecimento sofreu. Estas intervenções por sua vez, associam-se as mudanças na produção, substituição do maquinário, e do transporte de carga.

A moradia na vila operária era estabelecida em razão da função que o operário exercia nos espaços de trabalho da fábrica. Seguindo essa lógica o chalé destinava-se ao diretor ou gerente, as casas maiores e com fachadas mais ornamentadas destinavam-se aos trabalhadores que dispunham de algum tipo de especialização, e assim por diante. As diferenças hierárquicas entre os espaços de trabalho e os de moradia dos operários da Sergipe Industrial eram mais nítidos quando o operário em razão da sua função não morava na vila e sim, em uma pequena casa feita de barro e coberta com telhado de palha.

A implantação da fábrica contribuiu para o crescimento urbano do bairro e para a interação do mesmo com outras regiões da cidade. O transporte das matérias-primas e dos produtos durante muito tempo foi realizado pela via aquática e a substituição deste pelo transporte terrestre acarretou uma série de intervenções na estrutura do edifício.

A sucinta discussão a respeito das potencialidades da Arqueologia Industrial em Sergipe amplia as nossas perspectivas futuras de pesquisa e aponta a necessidade de estudos interdisciplinares. Por outro lado, nos faz refletir sobre a importância desse tipo de sítio, pois, através do seu estudo podemos compreender como se davam os modos de produção, as condições de vida e trabalho de uma determinada sociedade.

As perspectivas de estudo das indústrias têxteis sergipanas, através da ótica da Arqueologia Industrial, mencionadas no decorrer do quarto capítulo, também possibilita compreender parte da história da industrialização do estado de Sergipe. Uma história que se apaga a medida que uma fábrica ou outras expressões materiais, associados a esse contexto

social, produtivo, econômico e industrial são destruídos, sem que haja um estudo que registre a materialidade expressas nessas localidades.

Neste sentido, consideramos que o estudo das evidências materiais oriundas do processo de industrialização pode trazer à tona histórias e atividades do nosso passado industrial que nunca foram contadas e que estão impressas na materialidade dos sítios industriais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Patrícia Lima. **Reestruturação Produtiva e os Trabalhadores**: um olhar atual sobre o setor têxtil em Sergipe. Dissertação de Mestrado apresentada ao Núcleo de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal de Sergipe, 2010.

ANDREATTA, Margarida Davina. Engenho São Jorge dos Erasmos: Prospecção Arqueológica, Histórica e Industrial. Revista **USP, São Paulo**, n.41, p. 28-47, março/maio 1999.

AZEVEDO, Crislaine Barbosa de. **O ideário modernizador do governo Graccho Cardoso (1922-26) e a reforma da instrução pública de 1924 em Sergipe**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2009.

BARCELOS, Artur H. F. **Espaço e Arqueologia nas Missões Jesuíticas**: O Caso de São João Batista. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2000.

BARRETO, Luiz Antônio. A Saga dos Empreendedores, 2004. > Acesso em 27-09-2013> Disponível: www.infonet.com.br/luizantoniobarreto/ler.asp?id

_____. O Bairro Industrial ainda Cresce. In: **ADENISE\SE**, Ano 2-nº 6, 2008.

BERGER, M. A. O ingresso da instrução pública na modernidade: lendo os arquivos do Grupo Escolar Dr. Manoel Luis. In: II Congresso Brasileiro de História da Educação - História e memória da educação brasileira, 2002, Natal - Rio Grande do Norte. **Anais do II Congresso Brasileiro de História da Educação**. Natal: Editora da UFRN, 2002. p. 1-10.

BOMFIM, Suzete. **A Moradia do Operário no Brasil. O caso da Vila Operária Santa Cruz Estância\SE**. Dissertação de Mestrado apresentada a Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2007.

BOTTO, André Fernando Vaz Danas. **São João da Pesqueira: Subsídios para o Estudo do Território Medieval**. Dissertação de Mestrado em Arqueologia e Território, Especialização em Arqueologia Medieval Apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 2012.

CALAZANS, Regina C. Meira. **Arqueologia, gênero e memória do trabalho**: as operárias têxteis da fábrica da Sergipe Industrial, Aracaju, séculos XIX-XX. Monografia apresentada ao Núcleo de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe. Laranjeiras, 2013.

CERDÀ, Manuel. **Arqueología Industrial**: teoría y práctica. Universitat de València. Espanha, 2008.

CERDÀ, Manuel & BONAFÉ, Mario García (1995). **Arqueologia Industrial**. In: BERROCAL, Paloma (coord.). Enciclopèdia Valenciana de Arqueologia Industrial. Associació Valenciana d'Arqueologia Industrial. Valencia, Espanha: Edicions Alfons el Magnànim e Institució Valenciana d'estudis i investigació.

CHAVES, Rubens. **Aracaju Pra Onde Você Vai?** Aracaju, Gráfica Andrade, 2004.

COSTA, Diogo M. Arqueologia da Mineração nas Lavras do Abade: Entre Propostas e

Práticas. **Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**. Belo Horizonte, 2012.

_____. Algumas Abordagens Teóricas na Arqueologia Histórica brasileira. **Arqueologia/artigos**, 2013.

CORREIA, Telma de Barros. Art déco e Indústria no Brasil, Décadas de 1930 e 1940. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Sér. v.16. n.2. p. 47-104. jul.- dez 2008.

_____. Ornato e despojamento no mundo fabril. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. V.19. nº1. p. 11-79 jan.- jun. 2011.

DANTAS, Ibarê. Notícias de greves em Sergipe: 1915-1930. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Nº 31. p. 137-154. 1992.

DINIZ, Dora Leal. **Aracaju: A Construção da Imagem da Cidade**. Dissertação de Mestrado Apresentada a FAU - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

DURAN, Leandro Domingues. **Arqueologia Marítima de Um Bom Abrigo**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo. 2008.

DOMINGO *et al*, 2010. **Manual de Campo del Arqueólogo**. Espanha, Ariel, 2010.

FONSECA, Filomena Pugliese. **As Águas do Passado e os Reservatórios do Guaraú, Engordador e Cabuçu: Um Estudo de Arqueologia Industrial**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2007.

FONTES, Armando. **Os Corumbas**: romance. 23ª Ed. José Olímpio, Rio de Janeiro, 1999.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Arqueologia e Patrimônio**. Erechim, Habilis, 2007.

GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira. **De Maçaranduba a Industrial: história e memória de um lugar**. Aracaju: FUNCAJU, 2005.

JIMÉNEZ PUERTAS, Miguel. Historia y Arqueología de los paisajes rurales: un proyecto de presente y de futuro para el territorio de Loja, 2006. > Acesso em 28- 08- 2013> Disponível em: www.arqueologíamedieval.com/articulos.

LIMA, Adailza. **Atitudes e Percepções da População Diante do Industrial Thales Ferraz (1906-1927)**. Monografia apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 1998.

LIMA, Tânia Andrade. Arqueologia Histórica no Brasil: balanço bibliográfico (1960-1991). **Anais do Museu Paulista**. Nova Série Nº1, 1993.

McGUIRE, R. H. A. A Arqueologia como ação política: o Projeto Guerra do Carvão do Colorado. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, Suplemento 3: 387-397, 1999.

MENDES, José Amado. O Patrimônio Industrial na Museologia Contemporânea: o caso português, 2012. > Acesso em 28-03- 2013 > Disponível em: <http://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/docs/ubimuseum-n01-pdf/CS3-mendes-jose-amado-o-patrimonio-industrial.pdf>

ORSER JÚNIOR, C. **Introdução à Arqueologia Histórica**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.

PALMER, Marilyn & NEAVERSON, Peter. **Industrial Archaeology: Principles and Practice**. Routledge is an imprint of the Taylor & Francis Group. 1998.

PATEARROYO, Ana Vicenti. Perspectivas sobre la Arqueología Industrial. **ARQUEWEB – Revista Sobre Arqueología en Internet, Madrid**, vol. 9, nº 1, 2007.

PORTO, Fernando de Figueiredo. **A Cidade de Aracaju 1855\1865: Ensaio de Evolução Urbana**. 2ª Ed. Secretária do Estado da Educação e Cultura, 1991. Coleção João Ribeiro.

_____. **Alguns nomes antigos do Aracaju**. Aracaju, SE: J. Andrade, 2003

RESENDE, José Mário. A Gente do Bairro. In: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira. **De Maçaranduba a Industrial: história e memória de um lugar**. Org. Aracaju: FUNCAJU, 2005.

ROMÃO, Frederico Lisboa. **Na trama da história: o movimento operário de Sergipe 1871 a 1935**. Aracaju: J. Andrade, 2000.

SANCHIZ, Juan Manuel Cano. Arqueólogos en la Fábrica. Breve Recorrido por la Historiografía de la Arqueología Industrial. **SPAL**, 2007- 53-67. ISSN: 1133-4525.

SÁNCHEZ, Julia. La Arqueología de la Arquitectura. Aplicación de Nuevos Modelos de Análisis a Estructuras de la Alta Andalucía en Época Ibérica. **Trabajos de Prehistoria**, 1998.

SCARLETT, Timothy James. Industrial Archaeology. IN: ORSER JÚNIOR, C. E. **Encyclopedia of Historical Archaeology**. Londres: Routledge, 2002.

SILVA, Cleverton Costa. **Rio Paranapanema em São Cristóvão- SE: realidade socioambiental e potencial turístico**. II Encontro de Recursos Hídricos de Sergipe. Aracaju, 2009.

SILVA, José Lúcio Batista. **O surgimento da Industrial e do Operariado Têxtil em São Cristóvão (1912-1935)**. Monografia apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2002.

SYMANSKI, Luís Claudio. Arqueologia Histórica no Brasil: uma revisão dos últimos vinte anos. IN: **Cenários Regionais de uma Arqueologia Plural**. Organizadores: Walter Fagundes Morales e Flavia Prado Moi. Editora: Annablume/Acervo, 2009.

SOBRINHO, SEBRÃO. **Laudas da História de Aracaju**. Org. Vladimir Souza Carvalho, 2ª Edição, 2005.

SOUSA, Antônio Lindvaldo. **Temas da História de Sergipe II**. CESAD- UFS, 2009.

SOUZA, Rafael Abreu. **Louça Branca para a Paulicéia: Arqueologia Histórica da Fábrica de Louças Santa Catharina/ IRFM- São Pulo e a Produção da Faiança fina Nacional (1913-1937)**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

STANCHI, Roberto Pontes. **Modernidade, Mas Nem Tanto: O Caso da Vila Operária da Fábrica Confiança, Rio de Janeiro, Séculos XIX e XX**. Dissertação apresentada ao Mestrado

em Arqueologia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

SUBRINHO, Josué Modesto dos Passos. **Reordenamento do Trabalho. Trabalho Escravo e Trabalho Livre no Nordeste Açucareiro. Sergipe 1850 – 1930**. Aracaju, Funcaju, 2000.

The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (TICCIH). **Carta de Nizhny Tagil sobre o Patrimônio Industrial, Julho 2003**.

THIESEN, Beatriz Valladão. Significados nas representações escultóricas da fachada da Cervejaria Bopp & Irmãos, Porto Alegre. **Anais do Museu Paulista. São Paulo**. N. Sér. v.14. Nº1, p. 167-194. jan- jun. 2006.

TIRADO, Jesús Bermejo. Leyendo los espacios: una aproximación crítica a la sintaxis espacial como herramienta de análisis arqueológico. **Arqueologia de la Arquitectura**, 2009. Madri.

VERGARA, Óscar G. Conociendo el Pasado Industrial. Perspectivas Desde la Arqueología. **Revista ab initio, nº 3, 2011, p.165-197**.

VICHNEWSKI, Henrique Telles. **As Indústrias Matarazzo no Interior Paulista: Arquitetura Fabril e Patrimônio Industrial (1920-1960)**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2004.

VILLAR, Dalmo Dipplod. **Águas aos Cântaros- Os Reservatórios da Cantareira: Um Estudo de Arqueologia Industrial**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2007.

ZARANKIN, Andrés. **Paredes que Domesticam: Arqueologia da Arquitetura Escalar Capitalista. O Caso de Buenos Aires**. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. 2001.

_____. Arqueología de la Arquitectura. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. **Anais da I Reunião Internacional de Teoria Arqueológica da América do Sul**, 1999.

_____. Los Guardianes del Capital: Arqueología de la Arquitectura de los Bancos de Buenos Aires. IN: **Sed Non Satiata**. 1ª Ed. Encuentro Grupo Editor, 2008.

ZARANKIN, Andrés & SALERMO, Melisa S. El Sur por el Sur: una revisión sobre la historia y el desarrollo de la arqueología histórica en América meridional. **Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, Nº1, V.1, JAN-JUN, 2007. Belo Horizonte.

ZARANKIN, Andrés & SENATORE, Maria Ximena. Perspectivas Metodológicas en Arqueología Histórica. Reflexiones sobre la utilización de la evidencia documental. **Páginas sobre Hispanoamérica Colonial**. Nº 4. PRHISCO-CONICET, Buenos Aires 1996.

ZEQUINI, Ancileide. **Arqueologia de uma Fábrica de Ferro: Morro do Araçoiaba, Século XVI e XVIII**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. 2006.

REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

JORNAIS DIGITALIZADOS

A Manhã, Bahia, 1º de Dezembro de 1920. Título da Matéria: A Aliança do trabalho e do Capital. A Fábrica de Tecidos Sergipe Industrial Realiza o bem estar dos seus Operários. Fonte: Biblioteca Nacional Digital- BND.

Jornal de Aracaju, 14 de Julho de 1874. Lugar denominado Engenho Velho. Fonte: Biblioteca Nacional Digital- BND.

Jornal de Sergipe, 1º de Setembro de 1879. Praia da Chica Chaves. Fonte: Biblioteca Nacional Digital- BND.

Jornal de Sergipe, 1º de maio de 1880. Divulgação do Ato Oficial Nº 1141, concedendo ao Cidadão Eugênio José de Lima o privilegio de exclusividade para construir uma fábrica de Tecidos. Fonte: Biblioteca Nacional Digital- BND.

Jornal O Paiz, 1925. Sergipe. Fonte: Biblioteca Nacional Digital- BND.

RELATÓRIOS PRESIDENTES DA PROVINCIA

Mensagem Apresentada a Assembleia Legislativa de Sergipe, Pelo Presidente do Estado Monsenhor Olímpio Campos, em 7 de setembro de 1900. Fonte: BND

Mensagem Apresentada a Assembleia Legislativa de Sergipe, Pelo Presidente do Estado General Manuel P. de Oliveira Valladão, em 7 de setembro de 1916. Fonte: BND

Mensagem Apresentada a Assembleia Legislativa de Sergipe, Pelo Presidente do Estado General Manuel P. de Oliveira Valladão, em 7 de setembro de 1917. Fonte: BND

Mensagem Apresentada a Assembleia Legislativa de Sergipe, Pelo Presidente do Estado General Manuel P. de Oliveira Valladão, em 7 de setembro de 1921. Fonte: BND

FONTES IMPRESSAS

BARRETO, Armando. **Cadastro Comercial, Industrial, Agrícola e Informativo do Estado de Sergipe**. 1938. Fonte: Biblioteca Pública Epifânio Dória- BPED.

IEL. Memória Histórica da Indústria Sergipana. Instituto Euvaldo Lodi: IEL\SEANAI –Dn, Divisão de Pesquisas, Estudos e Avaliações, 1986.

SILVA, Clodomir. **Álbum de Sergipe 1820-1920**. Fonte: Biblioteca Pública Epifânio Dória- BPED.

Revista Industrial de Sergipe, 1970. Fonte: Biblioteca Pública Epifânio Dória- BPED.

Revista Sergipe Judiciário, 1929. Biblioteca Pública Epifânio Dória- BPED.

SITES CONSULTADOS:

Infonet. *Sergipe Industrial Pode Fechar as Portas*. Acesso em > 20- 04-2013. Disponível em > <http://www.infonet.com.br/economia/ler.asp?id=133982>, 2012.

Infonet. *Sisa e Nortista discutem redução de salário*. Acesso em > 18-11-2013. Disponível em > <http://www.infonet.com.br/economia/ler.asp?id=86738&titulo=economia>, 2009.

Aracaju Bondes Elétricos. Acesso em > 23 – 12-2013. Disponível em > <http://www.tramz.com.br/ac/acm.html>.

FONTES ORAIS:

SANTOS, Francisco. Entrevista Nº 1. Bairro Industrial, Av. João Rodrigues, Aracaju-SE. Entrevistador (es): SANTOS, Ana Flávia Souza & SOUZA, Felipe Calasans de. Suporte Transcrição.

VIEIRA, Arailde. Entrevista Nº 2. Bairro Industrial, Rua São Luiz, Aracaju-SE. Entrevistador (es): SANTOS, Ana Flávia Souza & SOUZA, Felipe Calasans de. Suporte Transcrição.

CARDOSO, Leopoldo. Entrevista Nº 3. Bairro Industrial, Rua São Luiz, Aracaju-SE. Entrevistador (es): SANTOS, Ana Flávia Souza & SOUZA, Felipe Calasans de. Suporte Transcrição.

COSTA, Avani. Entrevista Nº 4. Bairro Industrial, Rua São Luiz, Aracaju-SE. Entrevistador (es): SANTOS, Ana Flávia Souza & SOUZA, Felipe Calasans de. Suporte Transcrição.

VASCONCELOS, João. Entrevista Nº 5. Bairro Industrial, Rua São Luiz, Aracaju-SE. Entrevistador (es): SANTOS, Ana Flávia Souza & SOUZA, Felipe Calasans de. Suporte Transcrição.

Helena. Entrevista Nº 6. Bairro Industrial, Rua Belém, Aracaju-SE. Entrevistador (es): SANTOS, Ana Flávia Souza & SOUZA, Felipe Calasans de. Suporte Transcrição.

SONTOS, Maria. Entrevista Nº 7. Bairro Industrial, Rua Belém, Aracaju-SE. Entrevistador (es): SANTOS, Ana Flávia Souza & SOUZA, Felipe Calasans de. Suporte Transcrição.

APÊNDICE A- FORMULÁRIO DE ENTREVISTAS E ENTREVISTAS

Formulário de Entrevista

Parte I: Identificação

Nome:

Endereço:

Gênero: F () M ()

Profissão:

Há quanto tempo mora no Bairro:

Parte II: Conhecimento Sobre o Bairro Industrial- Aracaju- SE

Conhece alguma festa antiga do Bairro? Qual?

Qual a Fábrica mais antiga do Bairro?

Conhece ou conheceu antigas casas das vilas operárias? S () N (). Ficam ou ficavam aonde?

Parte III: Conhecimento Sobre a Fábrica Sergipe Industrial - Aracaju- SE

Já trabalhou na Sergipe Industrial? S () N ()

Já morou ou conhece alguém que morou em uma casa da vila operária da S I?

Conhece a Igreja da Fábrica SI?

Parte IV: Opinião dos Moradores Sobre a possível demolição da fábrica Sergipe Industrial

Concorda que a fábrica seja demolida? S () N ()

Obs:

Formulário de Entrevista

Parte I: Identificação

Nome: *Francisco Santos*
 Endereço: *Rua Duque de Caxias/Bairro Industrial*
 Gênero: F () M (☒)
 Profissão: *Aposentado*
 Há quanto tempo mora no Bairro: *38 anos*

Parte II: Conhecimento Sobre o Bairro Industrial- Aracaju- SE

Conhece alguma festa antiga do Bairro? Qual?

Sim, a de São Pedro Pescador, Bom Jesus dos Navegantes

Qual a Fábrica mais antiga do Bairro?

Confiança

Conhece ou conheceu antigas casas das vilas operárias? S (☒) N (). Ficam ou ficavam aonde?

Dizendo as fábricas

Parte III: Conhecimento Sobre a Fábrica Sergipe Industrial - Aracaju- SE

Já trabalhou na Sergipe Industrial? S () N (☒)

Na minha irmã trabalhou lá, na Sergipe Industrial. Ela trabalhava na fábrica, depois foi transferida para a Nortista.

Já morou ou conhece alguém que morou em uma casa da vila operária da SI?

Sim, conheci uma pessoa que morou ~~em~~ em uma casa da Rua Belém.

Conhece a Igreja da Fábrica SI?

Sim.

Parte IV: Opinião dos Moradores Sobre a possível demolição da fábrica Sergipe Industrial

Concorda que a fábrica seja demolida? S () N (☒)

Coisa Histórica.

Obs:

Formulário de Entrevista

Parte I: Identificação

Nome: *Anilde Vieira Santos*Endereço: *Rua São Luiz nº 8*Gênero: F ☒ M ()Profissão: *D. Casa*

Há quanto tempo mora no Bairro:

45 anos

Parte II: Conhecimento Sobre o Bairro Industrial- Aracaju- SE

Conhece alguma festa antiga do Bairro? Qual?

Não.

Qual a Fábrica mais antiga do Bairro?

Sergipe Industrial.

Conhece ou conheceu antigas casas das vilas operárias? S () N (). Ficam ou ficavam aonde?

Todas que ficaram próximo das fábricas. Essa pertence à Sergipe Industrial. Os donos venderam para a Caixa Econômica e não compra mais dela.

Parte III: Conhecimento Sobre a Fábrica Sergipe Industrial - Aracaju- SE

Já trabalhou na Sergipe Industrial? S () N (X)

Quem trabalhar lá foi meu ex-marido, minha filha e meu filho também.

Já morou ou conhece alguém que morou em uma casa da vila operária da SI?

Essa era da Vila da Sergipe Industrial. Conheci muito gente que morava nas casas da vila, a maioria foi embora.

Conhece a Igreja da Fábrica SI?

Conheço. Tem missa no domingo, ela é muito bonita. Mas, agora não sei se vai ter mais, eles têm derrubando tudo!

Parte IV: Opinião dos Moradores Sobre a possível demolição da fábrica Sergipe Industrial

Concorda que a fábrica seja demolida? S () N (X)

Obs: *A entrevistada respondeu que não concorda com a demolição da fábrica, porque deixou muitos pais de família desempregados.*

Formulário de Entrevista

Parte I: Identificação

Nome: *Leopoldo Cardoso*Endereço: *Rua São Luiz*Gênero: F () M (☒)Profissão: *Digitador*Há quanto tempo mora no Bairro: *Desde que nasceu (52 anos)*

Parte II: Conhecimento Sobre o Bairro Industrial- Aracaju- SE

Conhece alguma festa antiga do Bairro? Qual?

Sim, o São João

Qual a Fábrica mais antiga do Bairro?

*Sergipe Industrial*Conhece ou conheceu antigas casas das vilas operárias? S (☒) N (). Ficam ou ficavam aonde?*Sim, as dessa rua, ainda Travessa São Luiz e da rua Belém*

Parte III: Conhecimento Sobre a Fábrica Sergipe Industrial - Aracaju- SE

Já trabalhou na Sergipe Industrial? S (☒) N ()*Trabalhei lá como esenituriário*

Já morou ou conhece alguém que morou em uma casa da vila operária da S I?

Conheço e moro em uma que era da vila da Sergipe Industrial

Conhece a Igreja da Fábrica SI?

Sim, ela é toda antiga.

Parte IV: Opinião dos Moradores Sobre a possível demolição da fábrica Sergipe Industrial

Concorda que a fábrica seja demolida? S (☒) N ()

Obs:

Formulário de Entrevista

Parte I: Identificação

Nome: *Arani Costa*Endereço: *Rua São Luiz*Gênero: F ☒ M ()Profissão: *D. Casa*Há quanto tempo mora no Bairro: *25 anos*

Parte II: Conhecimento Sobre o Bairro Industrial- Aracaju- SE

Conhece alguma festa antiga do Bairro? Qual?

Não.

Qual a Fábrica mais antiga do Bairro?

*Coupinça*Conhece ou conheceu antigas casas das vilas operárias? S ☒ N (). Ficam ou ficavam aonde?*Do lado das fábricas.*

Parte III: Conhecimento Sobre a Fábrica Sergipe Industrial - Aracaju- SE

Já trabalhou na Sergipe Industrial? S () N ☒

Já morou ou conhece alguém que morou em uma casa da vila operária da S I?

Sim, essa casa era da vila da Sergipe Industrial, compramos ela a laica. Econômica, porque eles venderam pra ela.

Conhece a Igreja da Fábrica SI?

Sim, é muito bonita.

Parte IV: Opinião dos Moradores Sobre a possível demolição da fábrica Sergipe Industrial

Concorda que a fábrica seja demolida? S () N ☒

Obs:

Formulário de Entrevista

Parte I: Identificação

Nome: *João Vasconcelos*
 Endereço: *Av. João Rodrigues*
 Gênero: F () M (X)
 Profissão: *Contador (Aposentado)*
 Há quanto tempo mora no Bairro: *60 anos*

Parte II: Conhecimento Sobre o Bairro Industrial- Aracaju- SE

Conhece alguma festa antiga do Bairro? Qual?

Sim, as festas da Sergipe Industrial. Tinha também o parque e o cinema. O natal era festejado pelos donos, depois tudo acabou.

Qual a Fábrica mais antiga do Bairro?

A Sergipe Industrial

Conhece ou conheceu antigas casas das vilas operárias? S (X) N (). Ficam ou ficavam aonde?

A antiga Rua Laiça (da igreja), a Travessa e rua São Luiz, era tudo da fábrica.

Parte III: Conhecimento Sobre a Fábrica Sergipe Industrial - Aracaju- SE

Já trabalhou na Sergipe Industrial? S (X) N ()

Trabalhei por 52 anos. Fiz de tudo lá e terminei como contador.

Já morou ou conhece alguém que morou em uma casa da vila operária da SI?

Sim. Muita gente foi morar outros foram embora.

Conhece a Igreja da Fábrica SI?

Sim. Ela é a coisa mais linda do mundo.

Parte IV: Opinião dos Moradores Sobre a possível demolição da fábrica Sergipe Industrial

Concorda que a fábrica seja demolida? S () N (X)

Obs:

Após responder as questões pontuadas no formulário o sr. João Vasconcelos comentou sobre alguns aspectos que envolvem a fábrica e o bairro.

Formulário de Entrevista

Parte I: Identificação

Nome: Helena

Endereço: Rua Belém

Gênero: F (x) M ()

Profissão: D. Casa

Há quanto tempo mora no Bairro: 60 anos

Parte II: Conhecimento Sobre o Bairro Industrial- Aracaju- SE

Conhece alguma festa antiga do Bairro? Qual?

Festas da Fábrica Sergipe Industrial e Bom Jesus dos Navegantes

Qual a Fábrica mais antiga do Bairro?

Sergipe Industrial

Conhece ou conheceu antigas casas das vilas operárias? S (x) N (). Ficam ou ficavam aonde?

Ficavam perto das fábricas.

Parte III: Conhecimento Sobre a Fábrica Sergipe Industrial - Aracaju- SE

Já trabalhou na Sergipe Industrial? S () N (x)

Já morou ou conhece alguém que morou em uma casa da vila operária da SI?

Sim, conheci muito gente, quase todo mundo foi embora.

Conhece a Igreja da Fábrica SI?

Sim, ela é pequena e bonita. Já fui lá muitas vezes, agora não sei se não demorou também.

Parte IV: Opinião dos Moradores Sobre a possível demolição da fábrica Sergipe Industrial

Concorda que a fábrica seja demolida? S () N ()

Obs:

A entrevistada disse não saber responder a última pergunta.

Formulário de Entrevista

Parte I: Identificação

Nome: *Maria Santos*Endereço: *Av. João Rodrigues*Gênero: F (☒) M ()Profissão: *Aposentada*Há quanto tempo mora no Bairro: *40 anos*

Parte II: Conhecimento Sobre o Bairro Industrial- Aracaju- SE

Conhece alguma festa antiga do Bairro? Qual?

Sim, de São Pedro Pescador.

Qual a Fábrica mais antiga do Bairro?

Sergipe Industrial

Conhece ou conheceu antigas casas das vilas operárias? S () N (). Ficam ou ficavam aonde?

Elas ficaram perto das fábricas. As da Sergipe são da Rua São Luiz, da Igreja e dessa rua. Quando cheguei aqui algumas eram iguais, hoje são todas modificadas.

Parte III: Conhecimento Sobre a Fábrica Sergipe Industrial - Aracaju- SE

Já trabalhou na Sergipe Industrial? S (☒) N ()*Trabalhei lá 6 anos como fiandeira, fazia fios. O ambiente era quente. Depois fui transferida para a Nortista.*

Já morou ou conhece alguém que morou em uma casa da vila operária da SI?

Sim, conheci algumas pessoas que moravam nas casas da vila. Elas moravam lá e era descontente do salário delas em pequena quantia.

Conhece a Igreja da Fábrica SI?

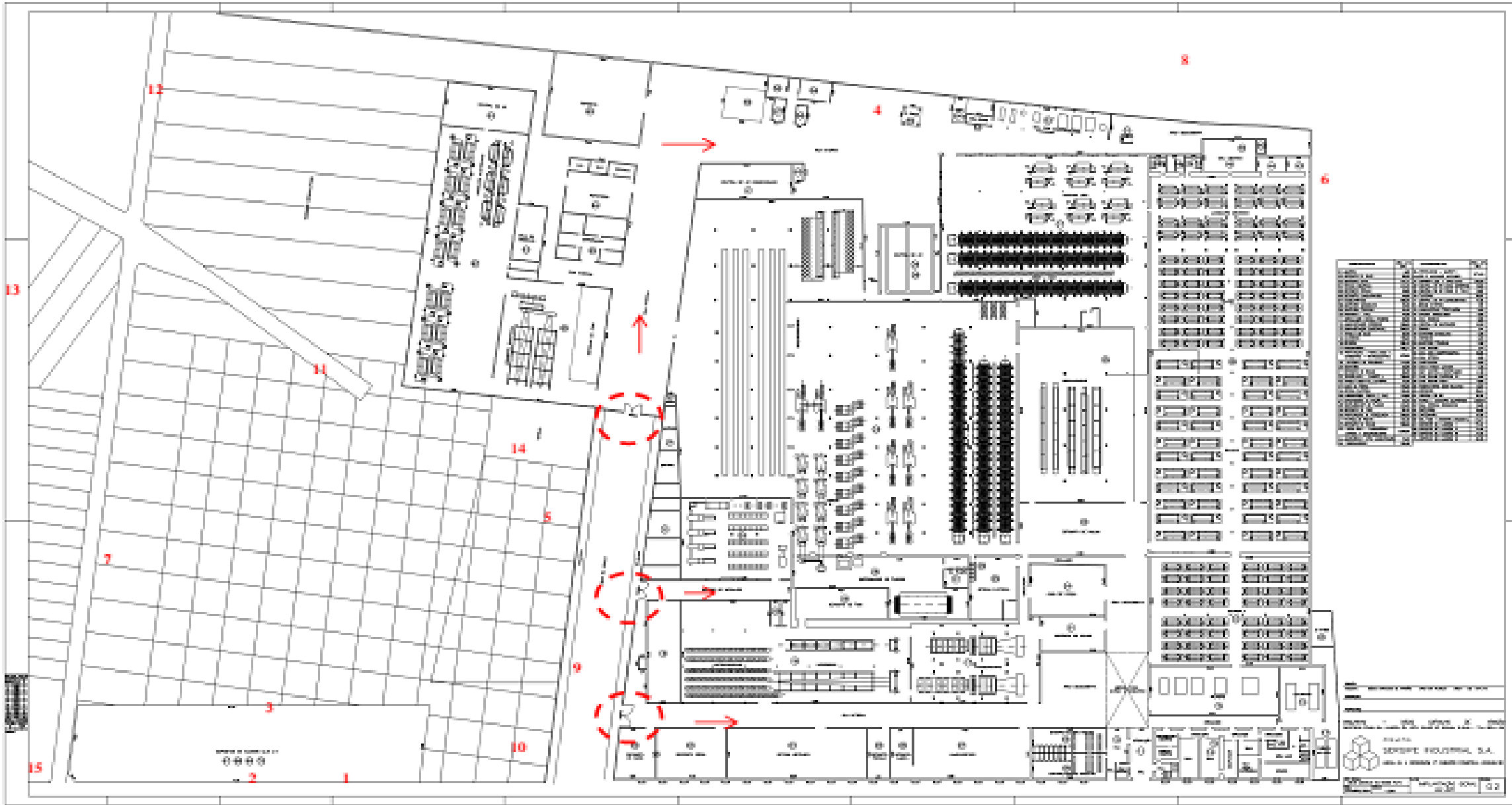
Sim.

Parte IV: Opinião dos Moradores Sobre a possível demolição da fábrica Sergipe Industrial

Concorda que a fábrica seja demolida? S () N (☒)

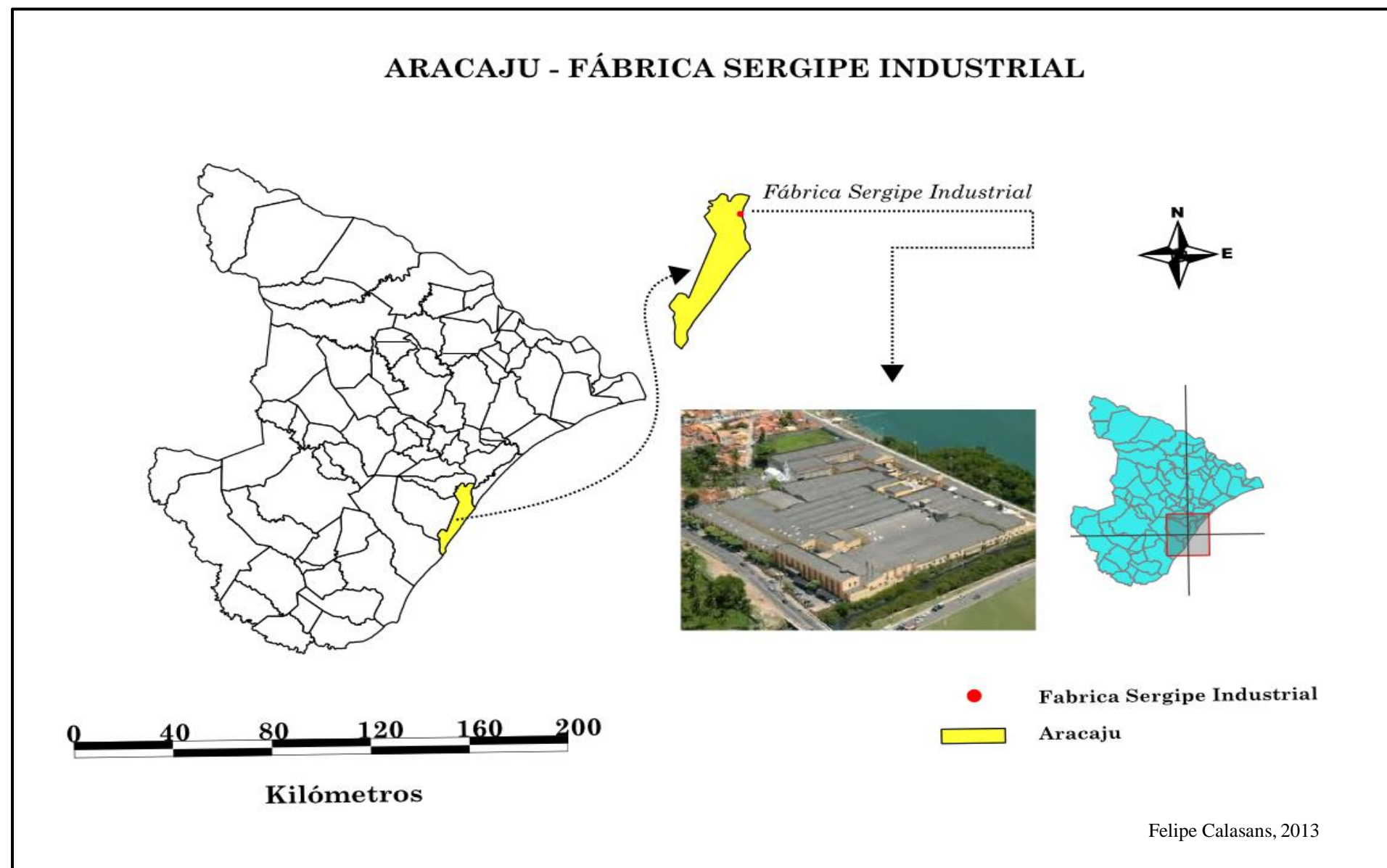
Obs:

PRANCHA 5 – PLANTA DA FÁBRICA SERGIPE INDUSTRIAL E LOCALIZAÇÃO DAS EVIDÊNCIAS MATERIAIS



Nº DA EVIDÊNCIA	DESCRIÇÃO
1	Elementos Art Déco na fachada dos Depósitos de Algodão
2	Portas dos Depósitos de Algodão que foram fechadas
3	Portas dos Depósitos de Algodão que foram abertas nos fundos do edifício
4	Contrafortes
5	Galpão
6	Alicerce de Pedras e tijolos de barro
7	Muro de tijolos de barro e blocos de cimento
8	Instalação Portuária
9	Rua Caiça
10	Casas da Av. João Rodrigues
11	Travessa São Luiz
12	Rua São Luiz
13	Rua Belém
14	Igreja
15	Escola
	Portões para o acesso de veículos
	Ruas para o acesso de veículos

PRANCHA 1 – LOCALIZAÇÃO DA FÁBRICA SERGIPE INDUSTRIAL



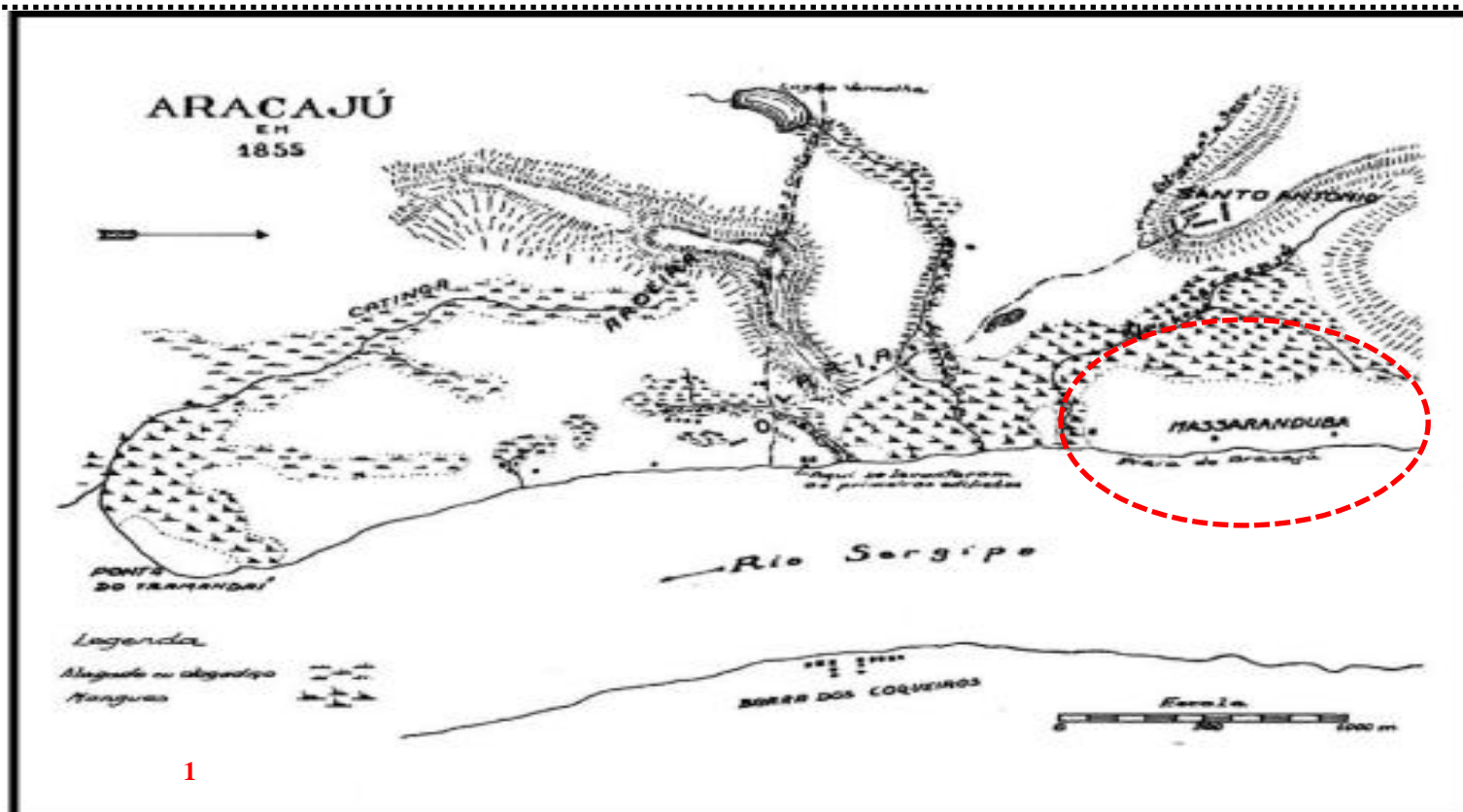
Fonte: Atlas SRH\SEMARH, 2011; Infonet, 2012.

PRANCHA 2 – ÁREA DA PROSPECÇÃO SISTEMÁTICA



Fonte: Adaptado de Google Earth.

PRANCHA 3- MASSARANDUBA E CHICA CHAVES



2

ANNUNCIOS

Real Vice-Consulado dos Paizes Baixos

Na terça feira 9 do corrente, ás 11 horas do dia, terá lugar na porta da Alfandega desta cidade, leilão do brigue hollaudez *L. J. Hooits*, naufragado na entrada deste porto e actualmente encalhado na praia denominada «Chica Chaves» no estado em que se achar, e mais objectos pertencentes ao mesmo navio por conta de quem pertencer e de accordo com o illm. sr. inspector da alfandega. Para mais informações podem dirigir se ao vice-consulado nesta cidade.

Aracaju, 1 de setembro de 1879.

R. R. de Loure,
Capitão.

Imagem 1: PORTO, 1991.
Imagem 2, Anúncio de
Jornal - Chica Chaves -
Biblioteca Nacional
Digital- BND Jornal de
Sergipe, 1879.

PRANCHA 4- ENGENHO VELHO



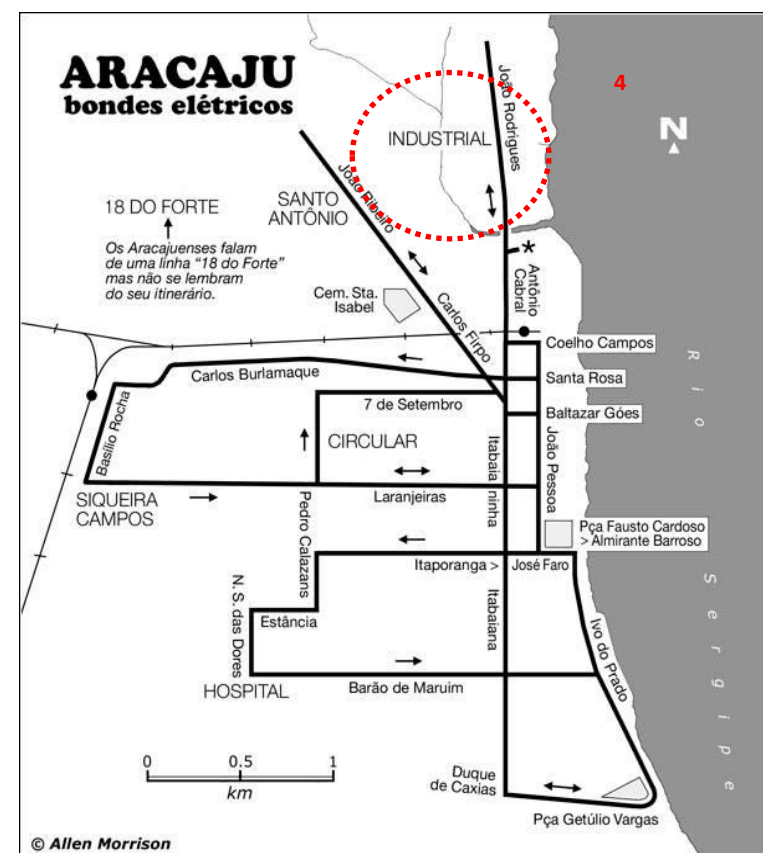
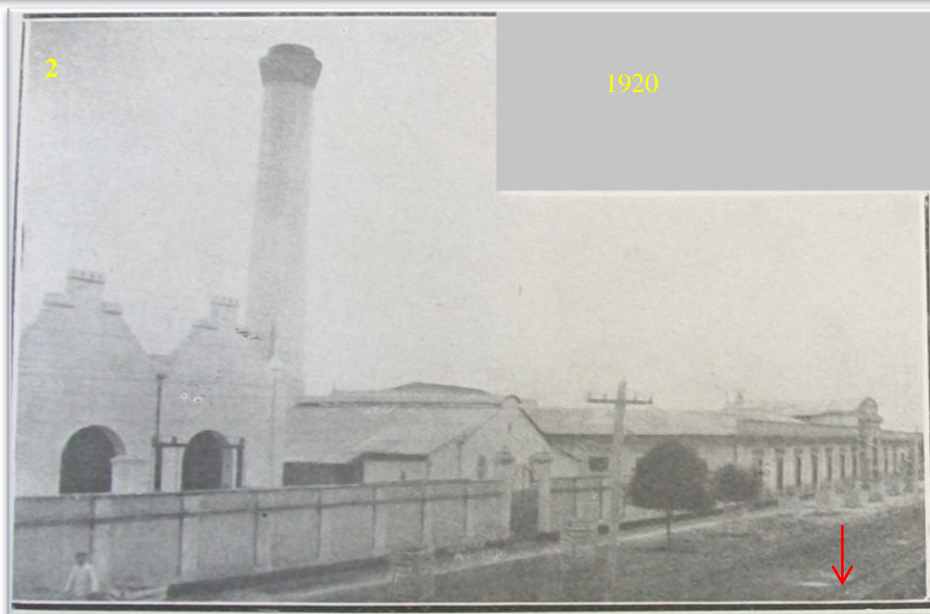
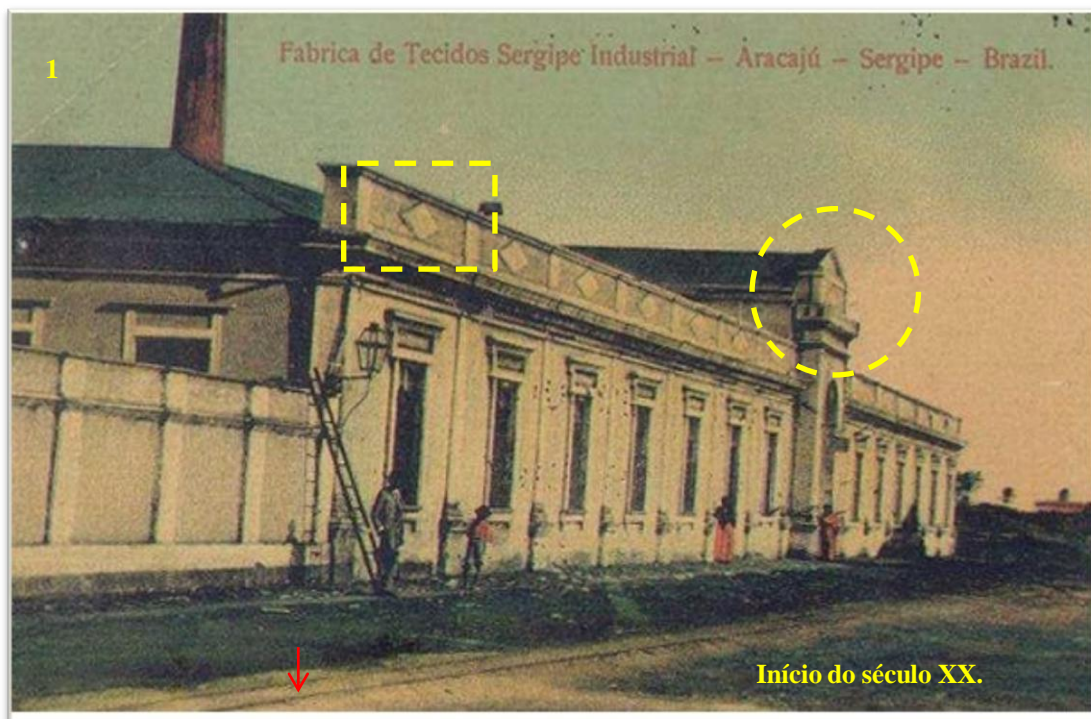
² Francisco Felis Liborio vende o seu sítio, no **engenho velho**, junto ao povoado de S. Antonio do Aracaju, casa de morar de taipa e telha, com bons commodos para familia, com arvoredos fructiferos constando de laranjeiras mangueiras, figueiros etc.

Quem o pretender dirija-se ao annunciante no povoado de S. Antonio.

Aracaju 14 de Julho de 1874.

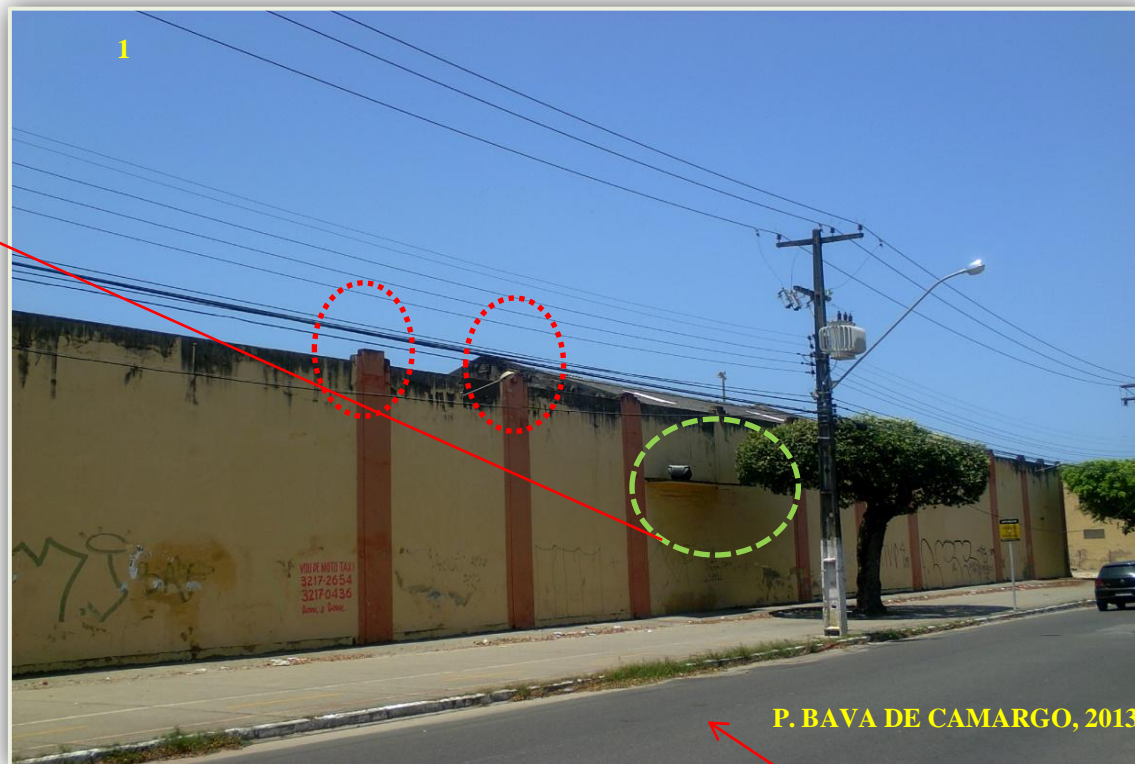
FONTES: Imagem 1, Biblioteca Nacional Digital. Imagem 2, BND-Jornal do Aracaju, 1874

PRANCHA 6 - FÁBRICA SERGIPE INDUSTRIAL NO INÍCIO DO SÉCULO XX E ITNERÁRIOS DOS BONDES



Fonte Imagem 1:
DINIZ, 2009.
Imagem 2: **SILVA, 1920.** . Imagem 3,
Revista Sergipe
Industrial, 1970.
BPED. Imagem 4,
Disponível em>
<http://www.tramz.com/br/ac/acm.html>

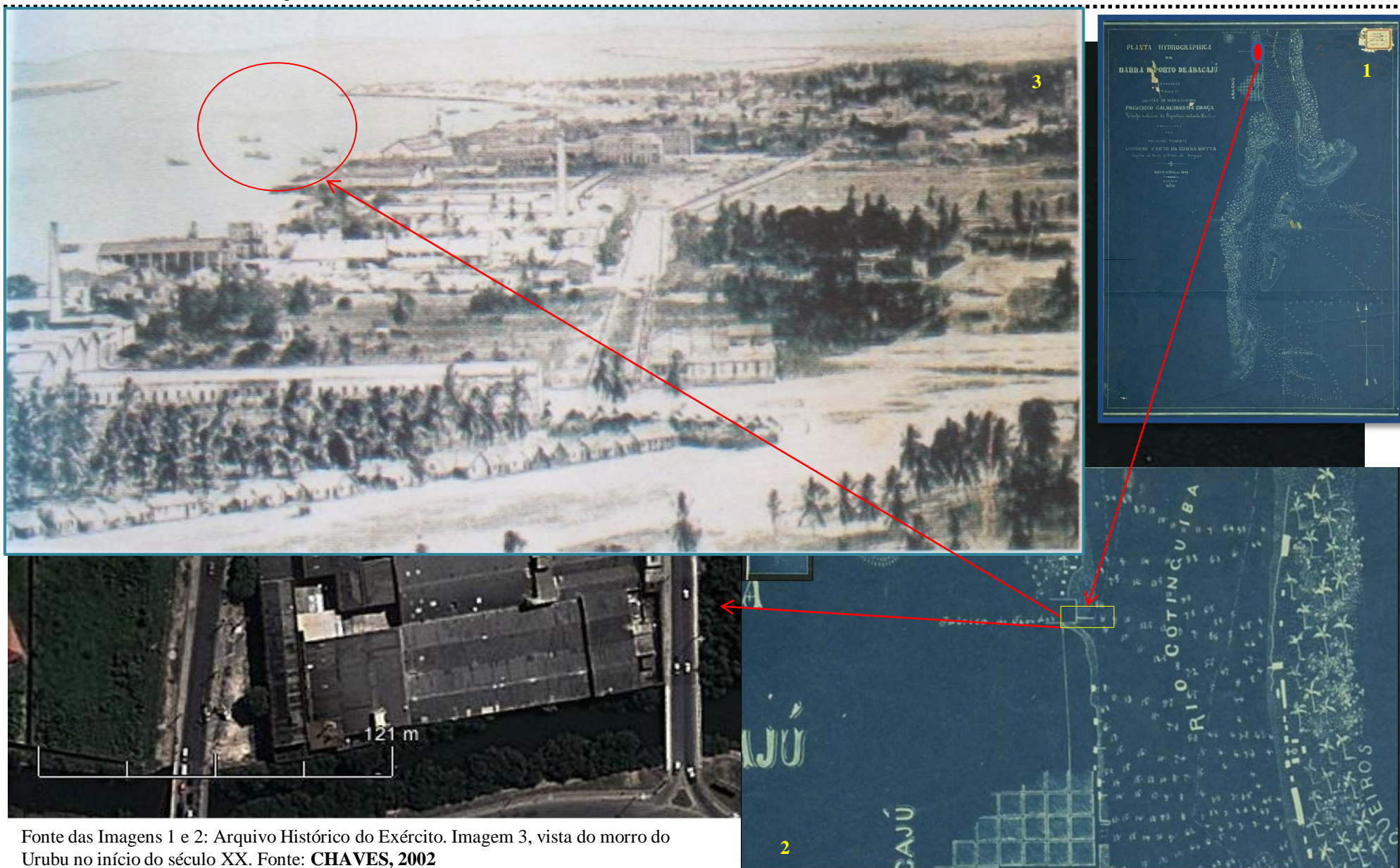
PRANCHA 7 -ELEMENTO DÉCO NA FACHADA DOS DEPÓSITOS DE ALGODÃO DA SERGIPE INDUSTRIAL



PRANCHA 8 – DIFERENTES ELEMETOS ARQUITETÔNICOS E CONSTRUTIVOS NAS FACHADAS DA SERGIPE INDUSTRIAL



PRANCHA 9 – LOCALIZAÇÃO DA INSTALAÇÃO PORTUÁRIA

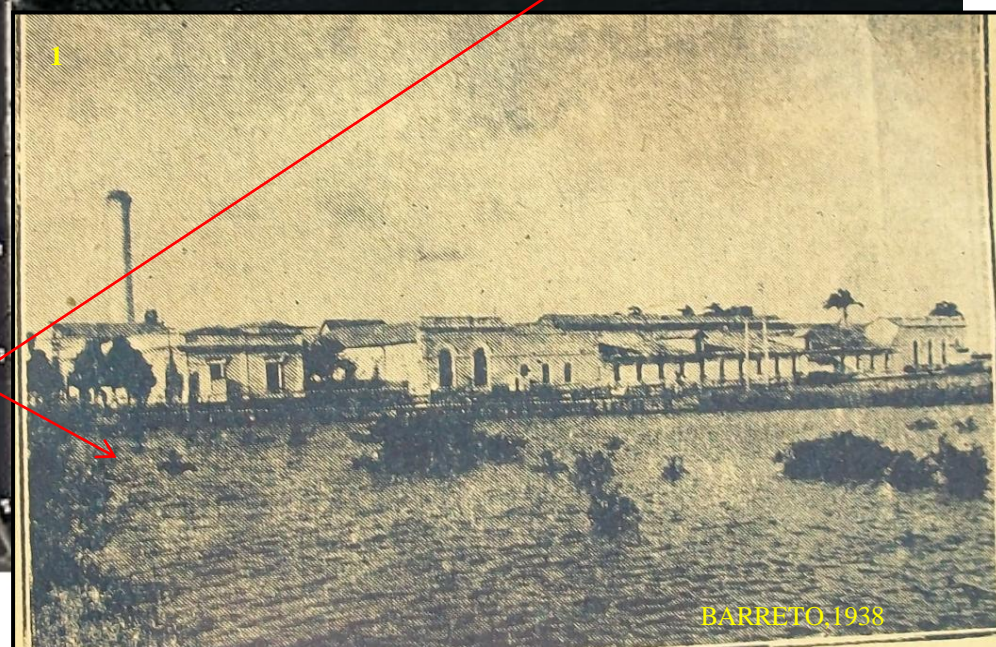


Fonte das Imagens 1 e 2: Arquivo Histórico do Exército. Imagem 3, vista do morro do Urubu no início do século XX. Fonte: **CHAVES, 2002**

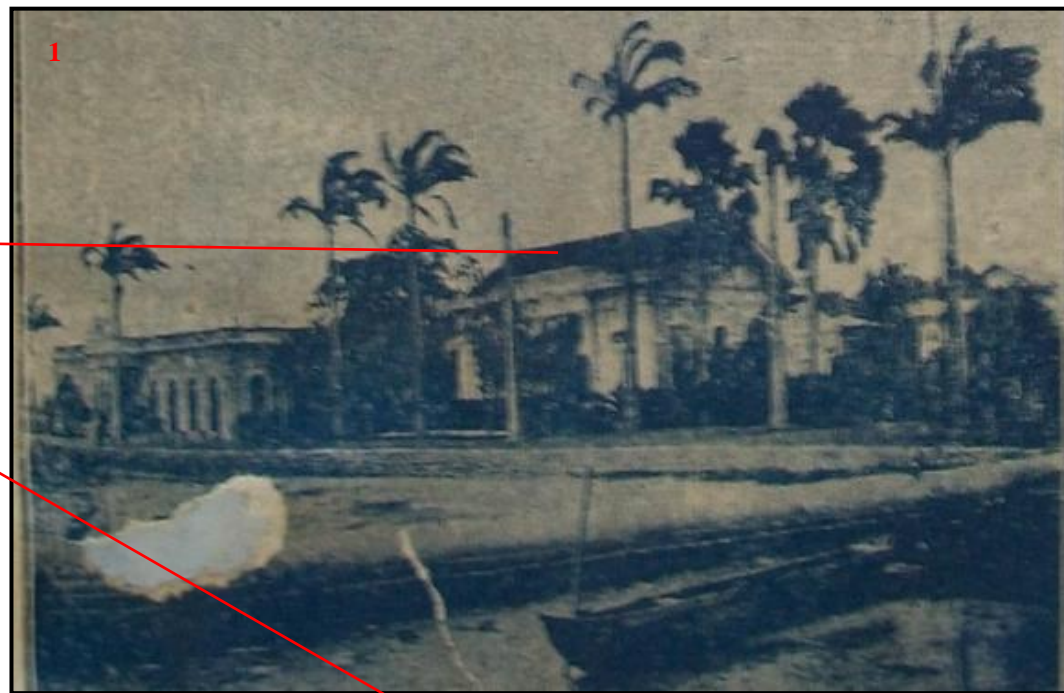
PRANCHA 10 - ESTRUTURAS DA INSTALAÇÃO PORTUÁRIA, VISTA COM A MARÉ BAIXA



PRANCHA 11 – FACHADA DA FÁBRICA SERGIPE INDUSTRIAL VOLTADA PARA O RIO SERGIPE



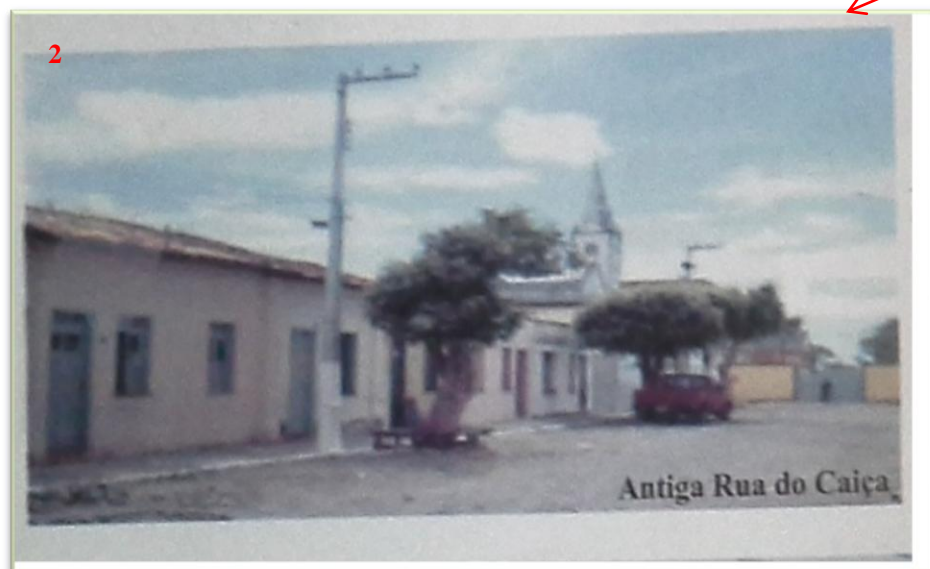
PRANCHA 12 – ESCRITÓRIOS DA FÁBRICA SERGIPE INDUSTRIAL



Fonte da Imagem 1:
BARRETO, 1938.

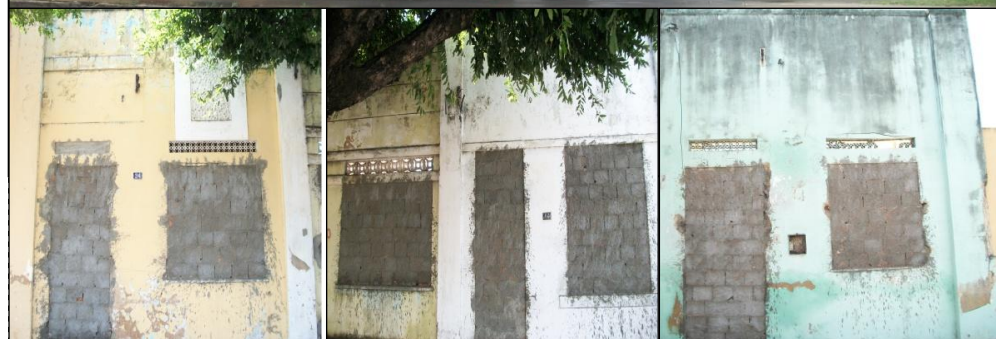
Fonte da Imagem 2:
CHAVES, 2002.

PRANCHA 13 – CASAS DA RUA CAIÇA



Fonte Imagens 1e 2: CHAVES, 2002.

PRANCHA 14 – CASAS DA AV. JOÃO RODRIGUES



PRANCHA 15 – CASAS DA TRAVESSA SÃO LUIZ



F. CALASANS, 2013



P. BAVA DE CAMARGO, 2013

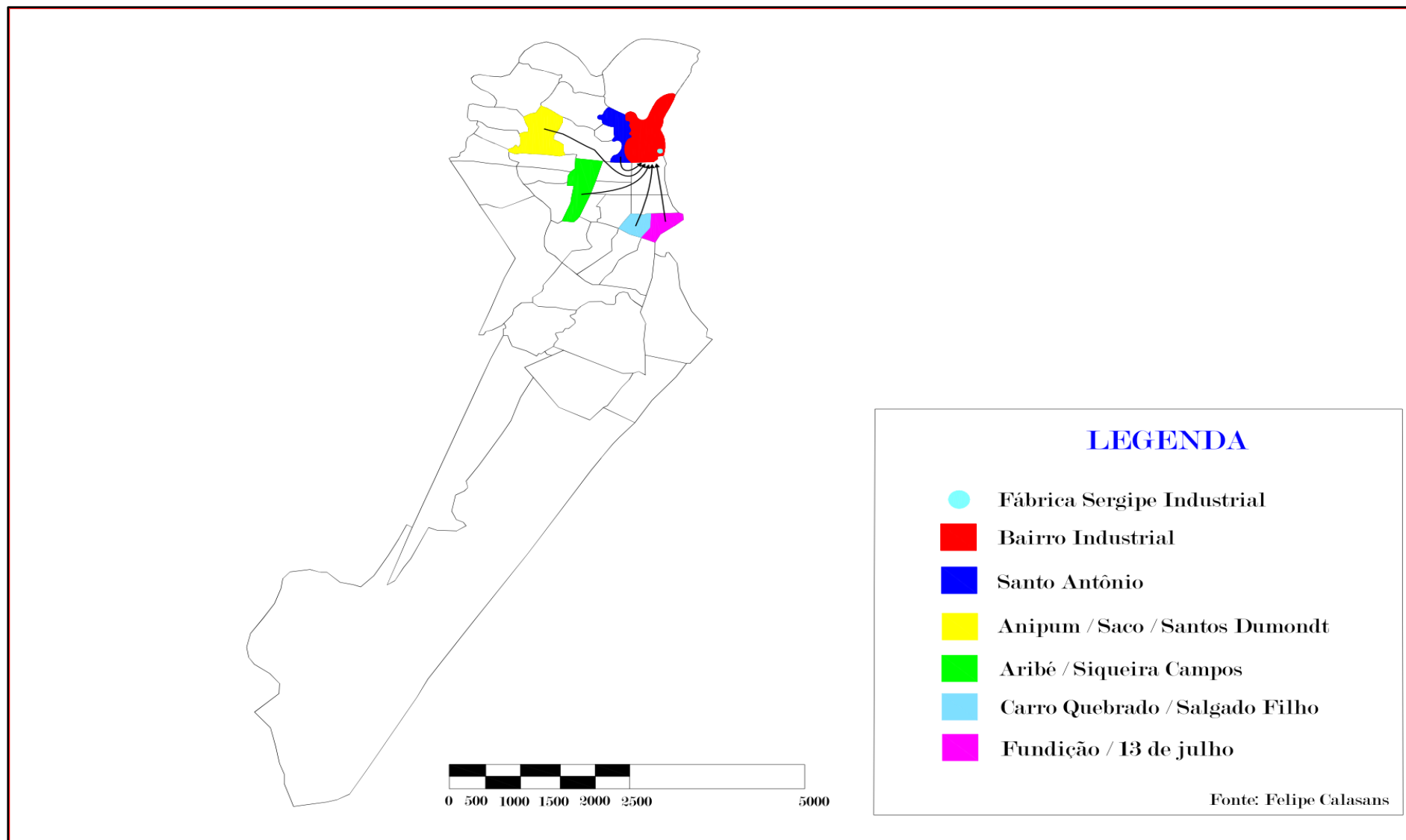
PRANCHA 16 – CASAS DA RUA SÃO LUIZ



PRANCHA 17 – CASAS DA RUA BELÉM



PRANCHA 18 - MAPA DOS LOCAIS DE MORADIA E PERCURSO DOS OPERÁRIOS



PRANCHA 19 – DISTINÇÃO ENTRE A MORADIA DOS OPERÁRIOS DA SERGIPE INDUSTRIAL



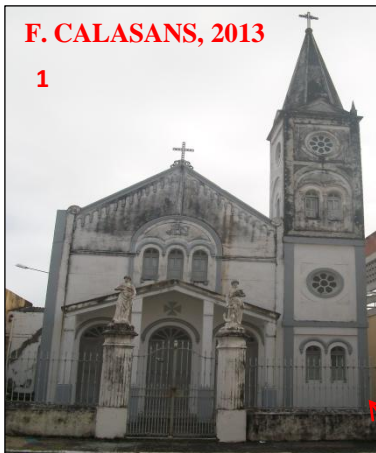
Fonte Imagem 1: DINIZ, 2009

Fonte Imagem 2: SOUSA, 2009

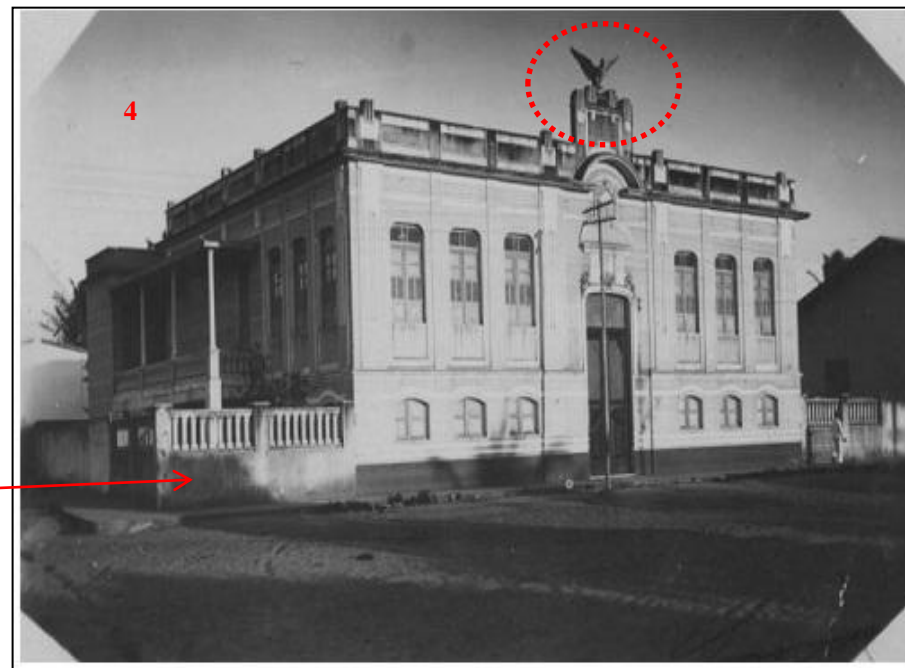
PRANCHA 20 – IGREJA DA FÁBRICA SERGIPE INDUSTRIAL, PARQUE E ESCOLA

F. CALASANS, 2013

1



4



5

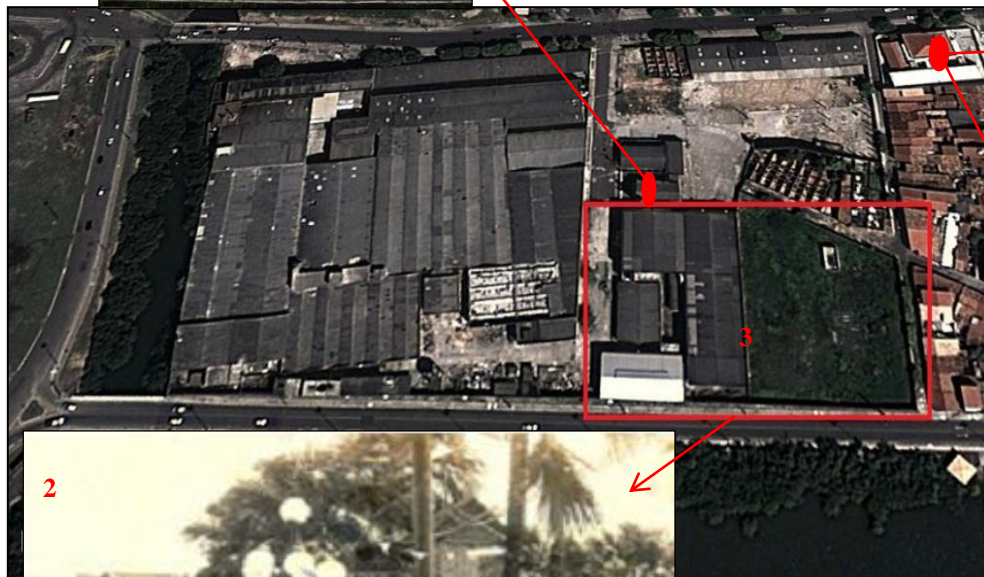
Eugenio Barreto/SEED, 2012.

2

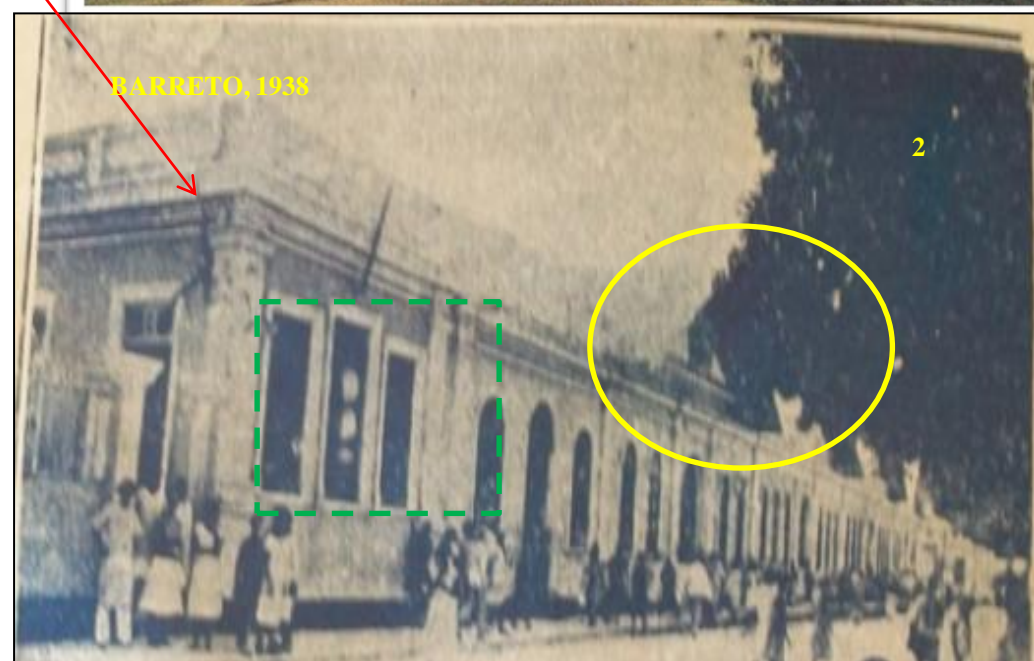
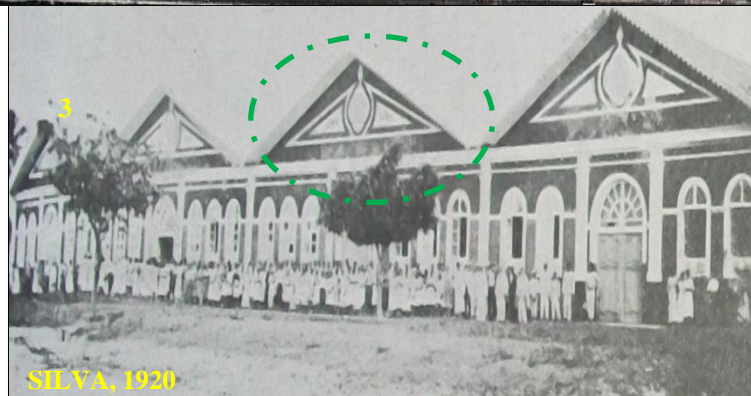
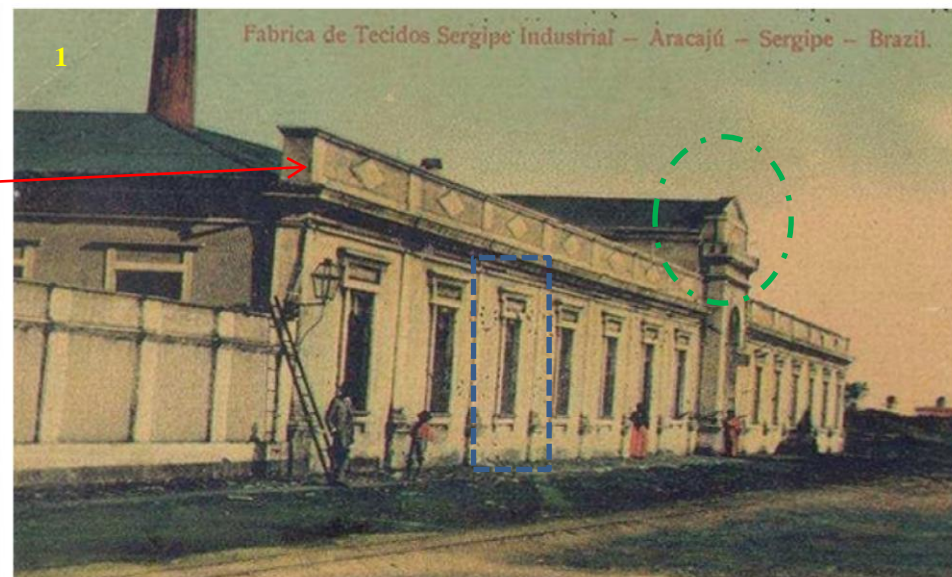


Fonte Imagem 2:
BARRETO, 2004.
Imagem 3: **AZEVEDO,**
2010.

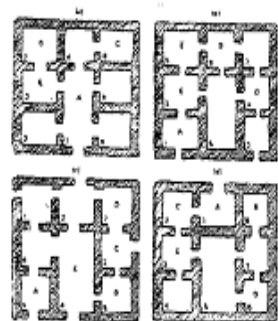
3



PRANCHA 21 – DIFERENÇAS ENTRE AS FÁBRICAS DE TECIDOS SERGIPE INDUSTRIAL E CONFIANÇA



PRANCHA 22 – FÁBRICA SANTA CRUZ, VILA OPERÁRIA DA FÁBRICA PASSAGEM E MODELO GAMMA



1

ZARANKIN, 2002.

2

SILVA, 1920

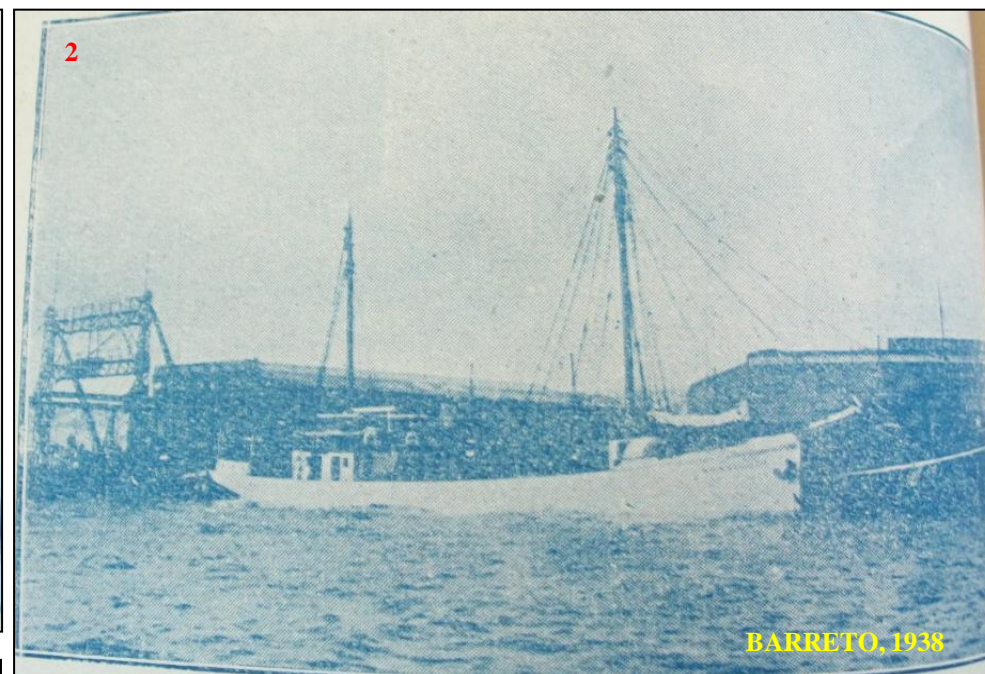
3

BOMFINI, 2007

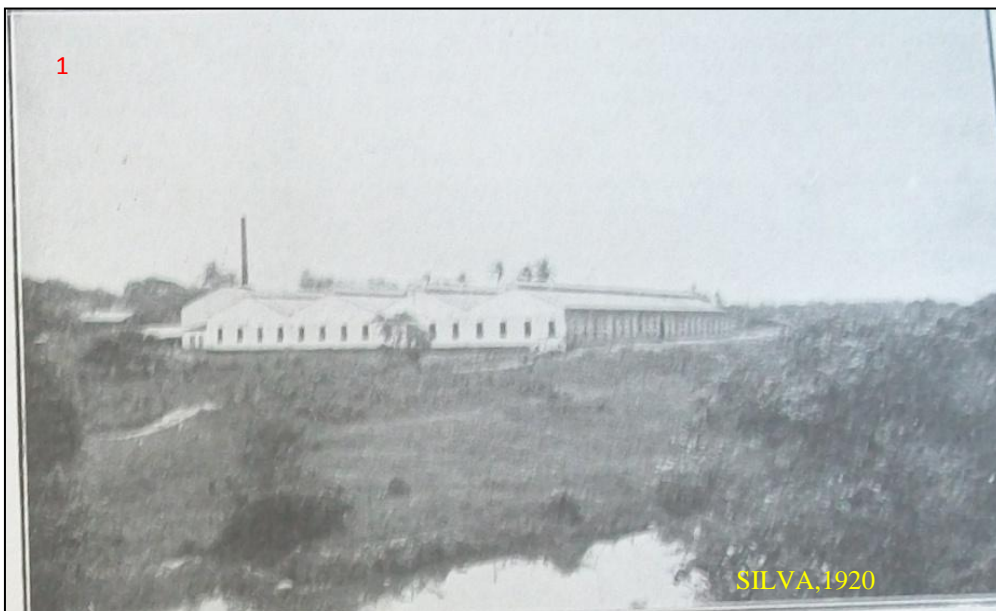
4

BARRETO, 1938

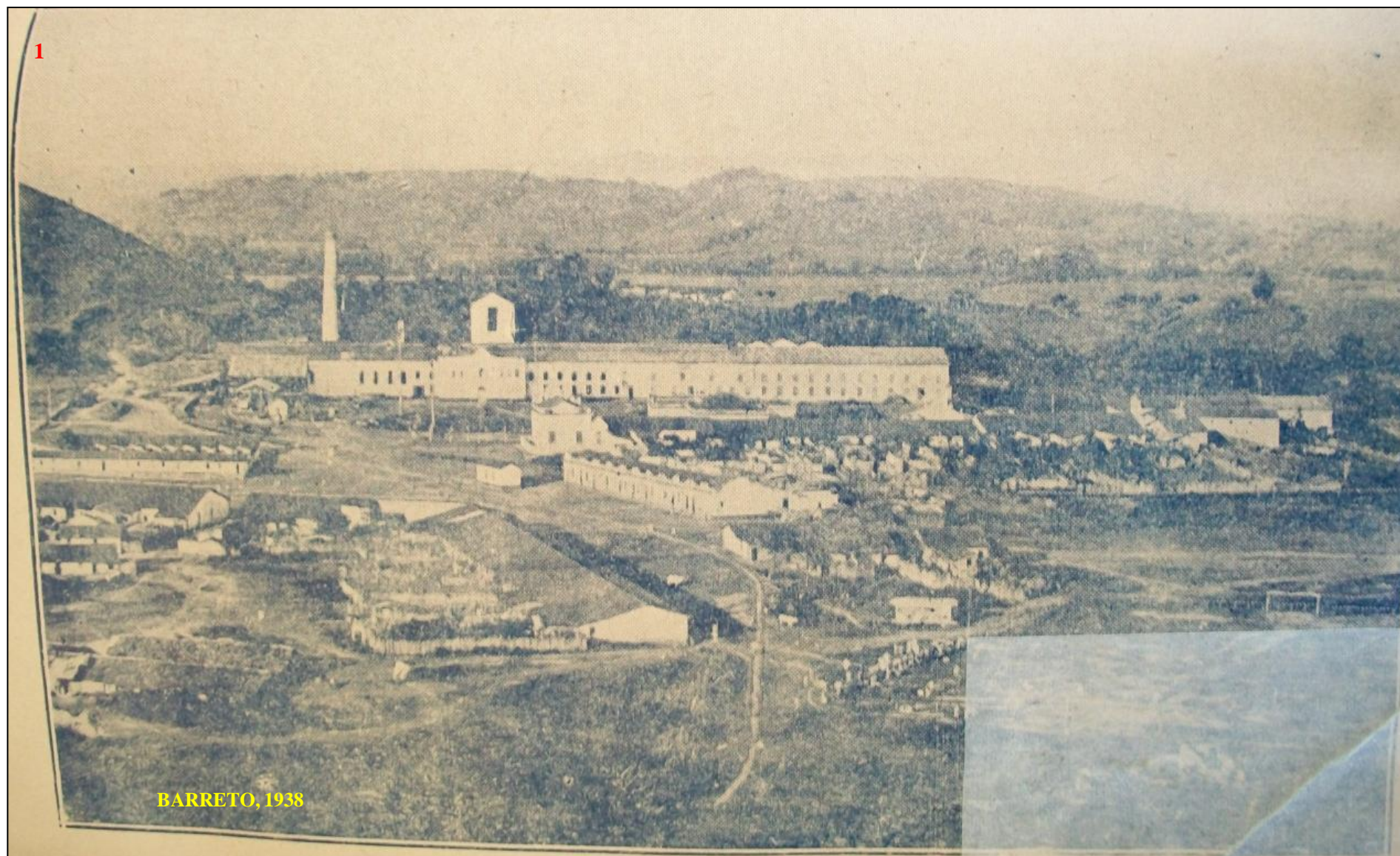
PRANCHA 23 – FÁBRICA PASSAGEM, IGREJA , BARCO E PÍER



PRANCHA 24 – FÁBRICAS, SENHOR DO BOMFIM, EMPREZA INDUSTRIAL DE PROPRIÁ E SAM CRISTÓVAM



PRANCHA 25 - ENGENHO CENTRAL DE RIACHUELO E FÁBRICA DE TECIDOS AO FUNDO



PRANCHA 26 - FÁBRICA DE TECIDOS DE RIACHUELO ATUALMENTE



PRANCHA 27 – FÁBRICA SERGIPE FABRIL

